



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**VILA SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA: CONSTRUINDO UMA
IMAGEM DO NORDESTE.**

PRISCILA PORTELA MARTINS

CAMPINA GRANDE - 2019

PRISCILA PORTELA MARTINS

**VILA SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA: CONSTRUINDO UMA
IMAGEM DO NORDESTE.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Professora Regina Coelli Gomes Nascimento

CAMPINA GRANDE

2019

M386v

Martins, Priscila Portela Martins.

Vila São João de Campina Grande-Paraíba: construindo uma imagem do Nordeste / Priscila Portela Martins Viana. – Campina Grande, 2019.

61 f. : il. : color

Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof.^a Dr.^a Regina Coeli Gomes Nascimento".

Referências.

1. História – Nordeste – Campina Grande – Vila São João. 2. Regionalismo. 3. Vila São João. 4. São João. I. Nascimento, Regina Coeli Gomes. II. Título.

CDU 94(813.3)(043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

PRISCILA PORTELA MARTINS

**VILA SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA: CONSTRUINDO UMA
IMAGEM DO NORDESTE.**

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Regina Coelli Gomes Nascimento
Orientador (a)

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

Leonardo Sousa da Silva

Meus avós, Joaquim Portela e Maria Carmelita Firino de
Melo (*In Memória*).

A meus pais, Herivelto Martins da Silva e Socorro Portela
Martins.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sobre todas as coisas, por Ele ser o autor da minha fé que me permitiu suportar todas as dificuldades. Sem Ele nada sou! Sola Gratia! Sola Fide! Solus Christus! Sola Scriptura! Soli deo Gloria!

A minha mãe, que tem sido sempre a pessoa mais importante da minha vida, a pessoa que sou hoje é por causa dela.

A meu pai, oferecendo o apoio necessário com seu tempo e recurso para minha formação acadêmica.

A minha irmã, por estar presente na minha vida, por ter me dado o suporte necessário para realização desse trabalho, serei eternamente grata.

Ao meu sobrinho Lucas que tornou-se o meu amor incondicional. Que a cada sorriso dado por ele faz dos meus dias mais alegres.

A todos os meus familiares que estiveram me apoiando e sabem de toda a luta que passei para concluir esse trabalho. Em especial aos meus primos que são meus irmãos e amigos da minha vida.

A Universidade Federal de Campina Grande pela oportunidade de adquirir conhecimento durante todos os anos da graduação.

A todo o corpo docente da Coordenação do Curso de Licenciatura em História que me ajudaram adquirir um pouco mais de conhecimento, neste mundo vasto de saberes, obrigada por suas dedicações.

A professora Manuela Aguiar, uma peça fundamental na minha vida acadêmica, sempre tirando o melhor de mim, enquanto aluna. Foi a partir de suas aulas da cadeira História de Campina Grande que me inspirou a trabalhar a temática desse trabalho.

A professora Regina Coelli Gomes Nascimento minha orientadora, meu eterno agradecimento à senhora, que olha para os seus alunos e ver o lado humano. Muito obrigada por tudo que a senhora fez na realização desse projeto, dando-me suporte no pouco tempo que coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao cursinho Pré-Vestibular Solidário que me permitiu a ministrar as aulas necessárias da cadeira Prática de Ensino, sendo uma experiência única da minha vida acadêmica e futuramente profissional.

A todos os colegas de sala de aula que fizeram parte da minha história acadêmica, a convivência do dia-a-dia, as parcerias em trabalhos, os debates e as aulas de campo. Como também dos colegas de curso, no qual, tivemos nossos caminhos cruzados e foram importantes nessa trajetória.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!!

Sou nordestino...¹

*Sou nordestino e tenho orgulho de ser
A minha terra é bonita e transparente
Gosto quando alguém me fala oxente
Que é coisa que no ouvido dá prazer
Mas eu tenho um recadinho para você
Que acha que é doutor de formatura
Eu sou mesmo comedor de rapadura
E até hoje não encontrei esse defeito
Porque todo portador de preconceito
Fica curado com uma dose de cultura*

*Já me cansei dessas mentes poluídas
Coisas de quem não tem o que fazer
Vão estudar um pouquinho e aprender
Que o nordestino já tem a alma sofrida
Mas ninguém é diferente nessa vida
Porque em Deus nasceu cada criatura
E em cada um pôs um tanto de ternura
Mas não pode o ser humano ser perfeito
Porque todo portador de preconceito
Fica curado com uma dose de cultura.*

*Eu sou nordestino e porque não?
O que importa se eu nascesse lá no sul
Nunca vi um céu que não fosse azul
Ou um peito que não bata um coração
Que diferença vai fazer a região
Somos irmãos e precisamos ter postura
Quem passa fome ou se vive na fartura
Nesse mundo o que vale é ter respeito
Porque todo portador de preconceito
Fica curado com uma dose de cultura.*

Guibson Medeiros.

¹ Disponível em: <http://www.pensador.com/frase/SouNordestino>. Acesso em: 03 de Junho de 2019.

RESUMO

Nesta pesquisa temos como objetivo problematizar a construção da Vila São João, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Buscando analisar os espaços cenográficos, as formas de comercialização da imagem do Nordeste e o discurso regionalista de João Dantas. A documentação selecionada no decorrer da pesquisa consta de entrevista com o idealizador da Vila São João, o dramaturgo João Dantas, bem como o uso de imagens fotográficas do espaço. Como aporte teórico-metodológico e historiográfico nos aproximamos de alguns autores, a exemplo de: Albuquerque Júnior com suas reflexões sobre o discurso regionalista; Andrade e sua análise histórico-econômico-cultural do São João de Campina Grade; Canclini e seus estudos sobre hibridação cultural; Certeau com sua discussão sobre espaço e lugar e Foucault com seu conceito de discurso.

Palavra-chave: História - Nordeste - Campina Grande - Vila São João.

ABSTRACT

In this research we aim to problematize the construction of Vila São João, located in the city of Campina Grande - PB. Seeking to analyze the scenographic spaces, the commercialization of the image of the Northeast and the regionalist discourse of João Dantas. The documentation selected during the research consists of an interview with the founder of Vila São João, the playwright João Dantas, as well as the use of photographic images of space. As a theoretical-methodological and historiographic contribution we approach some authors, such as: Albuquerque Júnior with his reflections on the regionalist discourse; Andrade and his historical-economic-cultural analysis of the São João de Campina Grade; Canclini and his studies on cultural hybridization; Certeau with his discussion of space and place and Foucault with his concept of discourse.

Keyword: History - Northeast - Campina Grande - Vila São João.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vila São João.....	20
Figura 2 – Fabricação da Marinha de Mandioca.....	21
Figura 3 – Moinho de Cana-de-açúcar.....	22
Figura 4 – Bilheteria Vila São João.....	22
Figura 5 – Lojas de artesanato e culinária.....	23
Figura 6 – Casa do Morador.....	24
Figura 7 – Balões Publicitários.....	27
Figura 8 e 9 – Casa de Engenho.....	33
Figura 10 – Frente da Igreja Matriz.....	34
Figura 11 – Interior da Igreja Matriz.....	36
Figura 12 – Oficina do Ferreiro.....	36
Figura 13 – Interior da Oficina do Ferreiro.....	37
Figura 14 – Casa do Morador.....	38
Figura 15 – Sala de Estar.....	38
Figura 16 – Quarto.....	39
Figura 17 – Área Externa.....	39
Figura 18 – Cozinha.....	40
Figura 19 – Frente da Bodega.....	41
Figura 20 – Interior da Bodega.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Construção da Vila São João	15
1.1. O olhar de João Dantas.....	16
1.2. O espaço cenográfico da Vila São João.....	19
1.3. A festa Vila São João.....	25
2. Cenário da Vila São João: Narrativas Sobre o Nordeste Brasileiro	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

O discurso regionalista se faz presente desde o início do século XX baseando-se na percepção que a região Sul do Brasil tinha sobre a região Norte, principalmente por questões econômicas, quando houve a primeira crise do açúcar ainda na metade do século XIX, a origem deste discurso ficou fundamentada na tentativa de homogeneizar simbolicamente o espaço e a população, instituída a partir das ideias de crise e de desequilíbrio regional. Essa homogeneização foi representada a partir do movimento literário romancista que usavam nas suas literaturas a descrição da realidade local, mas também ganharam outros formatos, os discursos regionais com objetivo de afirmação da região no meio nacional.

O regionalismo torna-se uma expressão literária que buscou a valorização dos aspectos territoriais, mas o enquadramento singular deste termo regionalismo como formato de discursos das regiões nacionais, tende a serem excludentes, pois, tratamos de um território nacional amplo, que passou a ser povoado a princípio, a partir das misturas raciais do homem branco europeu, índios e negros, além disso, a existência de uma diversidade geográfica, através de regiões quentes, frias, litoral, sertão, floresta, serras e entre outras características. Usar um pequeno espaço geográfico como modelo para definir uma região torna-se um discurso irreal, pois, cada região possui suas particularidades.

Neste trabalho no ponto de vista teórico nos aproxima dos conceitos de Foucault, ele trabalha a ideia de que o discurso é um conjunto de enunciados que passam a se apoiar em uma formação discursiva:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência (FOUCAULT, 1969, p. 135).

O discurso torna-se uma rede de enunciados que torna possível haver significantes, a análise foucaultiana do discurso aborda a cerca do que pensamos, dizemos e fazemos caracterizando um determinado período histórico, portanto, o saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecida pelo discurso. Neste caso, João Dantas apropria-se do seu conhecimento sobre a cultura nordestina e faz da Vila São João o seu lugar de verdade e poder. “Modéstia parte, deixando qualquer soberba de lado, eu falo de qualquer ciclo da história do Nordeste, porque eu levei toda minha vida pesquisando” (Dantas, 2018).

Além do discurso, problematizo a percepção de Michel de Certeau sobre espaço e lugar, ele coloca de forma distinta, a ideia de lugar seria um local de convívio entre as pessoas, a exemplo de casa, parque, escola, igreja, entre outros. O espaço remete a parte física e os objetos que compõe na definição desse espaço, a exemplo de escritório, supermercado, shopping, entre outros. A utilização da Vila São João como objeto de pesquisa ajudará a trabalhar esses dois conceitos problematizados por Certeau, o lugar como ideia de convivência e a construção dos espaços a partir dos objetos.

Empregarei o conceito de identidade de Stuart Hall no livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, para trabalhar a Vila São João a partir do posicionamento de João Dantas enquanto identidade. Hall (2000) o sujeito pós-moderno, aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Na pós-modernidade “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às outras formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas sociais que nos rodeiam” (Hall, 2000, p. 12–13).

Trabalhar na elaboração dessa pesquisa proporciona uma realização pessoal, por ter tido contato com o sítio enquanto criança, local vivido pela minha bisavó, avós maternos e minha mãe, trazendo-me as memórias afetivas. Além disso, por ser um objeto pouco trabalhado na academia, a Vila São João possui um leque de temáticas que poderiam ser abordadas, que possam vim a corroborar no ensino da História do Nordeste a partir da elaboração do estudo historiográfico das espacialidades da região do sertão, assim também, um ambiente voltado para o uso do turístico-histórico-cultural e pedagógico, alcançando várias pessoas além do campo acadêmico.

Sendo assim, proponho trabalhar ao longo desses capítulos, três objetivos específicos que considero importantes para este trabalho, primeiro, descrever os espaços cenográficos da Vila São João; segundo, problematizar a comercialização da imagem do Nordeste atrasado e terceiro analisar o discurso regionalista de João Dantas. Na metodologia, optamos em fazer uma pesquisa qualitativa que segundo a autora Helena Michel:

(...) há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo. Por isso, carece de uma interpretação dos fenômenos a luz do contexto, do tempo, dos fatos. O ambiente da vida real é a fonte direta para obtenção dos dados, e a capacidade do pesquisador de interpretar essa realidade, com isenção e lógica, baseando-se em teoria existente, é fundamental para dar significado às respostas. (Michel, 2009, p. 36 e 37).

Esse tipo de pesquisa se fundamenta naquilo que os informantes apresentam, a verdade se encontra na “forma da experimentação empírica”, ou seja, a partir da análise do que é passado pelo informante de forma detalhada. Embora haja várias formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois instrumentos nos auxiliaram no momento da pesquisa: a observação e a entrevista.

Enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores. (DESLANDES, 2008, p. 63).

As observações foram feitas em dois momentos distintos, no ano de 2018 e no ano de 2019, e nelas procuramos responder ao máximo aos questionamentos que nos eram expostos no decorrer da pesquisa. Já a entrevista foi realizada nos dias 30 de junho de 2018 e 23 de junho de 2019, com o idealizador do Sítio São João, João Dantas.

No primeiro capítulo A Construção da Vila São João — relato a história do cenógrafo João Dantas, em seguida, analiso os principais espaços que compõe a Vila São João. Neste capítulo pretendo refletir quais foram as principais influências intelectuais que inspiraram a João Dantas a se declarar um preservacionista da cultura nordestina, fazendo-o construir um espaço lúdico, que possui uma natureza histórico-cultural, por buscar a divulgação dessa cultura pensada a partir da ótica de João Dantas, baseadas do discurso regionalista, como também de natureza socioeconômica por fazer desse espaço um evento que ajuda promover a ideia do Maior São João do Mundo para cidade de Campina Grande. Para isso, faço um diálogo com Elizabeth Christina que se utiliza da análise histórico-econômico-cultural do São João de Campina Grade, apresentando-se como mega evento, produto turístico a servir “modelo de festa”, neste caso, como a Vila São João participa deste cenário junino para cidade de Campina Grande. Mais adiante faço uso de Canclini e seus estudos sobre a hibridação da cultura.

No segundo capítulo Cenário Da Vila São João — Narrativas Sobre O Nordeste Brasileiro, pretendo problematizar o discurso de João Dantas ao usar da apropriação dos espaços como Engenho, Igreja, Bodega e Casa do Morador, quais são os seus interesses ao trabalhar esses espaços? A utilização dos anacronismos para construir o seu pensamento da cultura nordestina. Neste capítulo utilizo a análise sobre regionalismo e faço uso do posicionamento do historiador Durval Muniz busca suas reflexões do discurso regionalista baseado no estereotipo.

CAPÍTULO I: CONSTRUÇÃO DA VILA SÃO JOÃO

É um projeto que busca a verdade histórica, as expressões mais verdadeiras, o sentimento mais lúdico, as expressões populares mais autênticas, a poesia mais bela, a musicalidade mais suave ou mais bonita de se ouvir, de dançar e cantar. (DANTAS, 2018)².

Neste capítulo pretendo problematizar a construção do espaço cenográfico da Vila São João na cidade de Campina Grande — Paraíba. Para tanto dividimos a narrativa em três momentos: a vida de João Dantas, o espaço cenográfico da Vila São João e análise histórico-econômico-cultural a partir do produto turístico a servir “modelo de festa”.

Trabalhar essa festa tradicional trata-se de assimilar as expressões e as linguagens dos moradores da região de Campina Grande que constroem através dessas características de festejos juninos a sua cultura popular, definidas por suas raízes sertanejas. Abrindo-se um leque de múltiplos sentidos produzidos por essa festa, a cidade se autointitulada como Maior São João do Mundo que buscam o simbolismo cultural e tradição das festas juninas, como meio de conservação da identidade nordestina, do que é ser nordeste. Este é o nosso São João, o São João de nossas tradições, o São João que faz valer nossa cultura, exaltando nossa nordestinidade (PARAÍBA).

A exposição e análises dos discursos formados pela mídia, moradores, políticos, turistas e comerciantes, torna-se fundamental na construção desta festa junina, que usam da espacialidade, temporalidade, vestimentas, comidas típicas, musicalidade e tantas outras características que são usadas para construir o discurso desse Maior São João do Mundo. Buscar entender a mistura do moderno e antigo, presente e passado, cidade e rural, nos trará uma narrativa recheada de minúcias sobre esta história, desvendando uma trama discursiva que permitem a invenção e recriação de um povo e uma cidade, os quais simbolizam como legítimos representantes da festa junina, neste caso, a busca de uma tradição junina, não de forma eventual, mas permanente, algo intrínseco, dando a percepção de que falar de São João é pensar Campina Grande e Nordeste.

Passasse a existir uma ideia de pertencimento, no qual é construída uma noção de identidade cultural, através da fabricação de uma festa e a formação de um discurso próprio, “um arraial de excelência, espaço de sonho e fantasia” (CHRISTINA, 2008). O moderno e antigo se justapõem na construção do jogo de imagens que enchem a visão de turistas e

² Entrevista concedida a autora no dia 30/06/2018.

campinenses, a Vila São João passa a ser uma das principais atrações neste modelo de festa Maior São João do Mundo, a criação de um cenário ingênuo e rústico de um bom pedaço do Nordeste, um verdadeiro emblema, que traz uma recriação, apropriação e conservação das tradições ditas nordestinas. O novo e antigo dialogam constantemente, passado e presente são visivelmente observados nesse período abordado pelo seu organizador.

1.1. O olhar de João Dantas.

Ator, cordelista, compositor, poeta popular, diretor teatral, produtor musical, compositor, pesquisador do folclore nordestino, radialista, cenógrafo e vereador do Município de Campina Grande. Assim, se auto apresenta João Crisóstomo Moreira Dantas ou mais popularmente João Dantas, filho de Miguel Rodrigues Dantas e Maria do Carmo Moreira Dantas, um paraibano que nasceu em 27 de Janeiro de 1954 em um pequeno vilarejo que se chamava antigamente de Jerimum próximo à cidade de Picuí³ (atualmente essa região chama-se Nova Palmeira), localidade onde moravam com os seus bisavós e avós.

Passou a viver na cidade de Campina Grande desde os seus quatro meses de vida, considerado um nordestino fiel as suas origens e de sangue apurado, fez desta cidade a sua Nova York. Trazendo notoriedade para a cidade através dos seus projetos e cordéis. Iniciou a sua vida acadêmica no Colégio Diocesano, conhecido como Pio XI, em seguida, na sua pré-adolescência ingressou no teatro, foi através do teatro a oportunidade de viver o mundo da dramaturgia, começou atuando como ator e diretor, mas a cenografia⁴ é considerada o seu melhor desempenho, sempre buscou como inspiração as temáticas nordestinas, elaborou peças, como também trabalhou na produção do filme *O Auto da Compadecida*⁵, do escritor Ariano Suassuna, aliás, o próprio João Dantas faz questão de enfatizar que trabalhou em todas as peças ligadas ao seu primo. Além de escrever peças de temáticas do Ciclo do Cangaço, passando a pesquisar a vida de alguns ex-cangaceiros e ex-volantes, mas buscou na literatura brasileira as suas grandes inspirações em nomes como Gilberto Freyre, Leonardo Mota, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Jorge Amado,

³ Município do Estado da Paraíba, localizado a 250 km da capital João Pessoa.

⁴ É o profissional que cria, conceitua, projeta e coordena a construção do cenário de teatro, show, teledramaturgia, eventos e entretenimento em geral. Ele supervisiona a realização e montagem de todos os espaços necessários à cena, incluindo a programação. Aquele que idealiza o espaço cênico. Cria, desenha, acompanha e orienta a montagem do projeto cenográfico. Resumindo, é quem prepara os figurinos certos para um espetáculo.

⁵ É um filme brasileiro de comédia dramática lançado em 2000. Dirigido por Guel Arraes e com roteiro de Adriana Falcão, João Falcão e do próprio diretor, o filme é baseado na peça teatral *Auto da Compadecida* de 1955 de Ariano Suassuna.

grandes memorialistas da literatura brasileira que o inspiraram e o fizeram definir-se um memorialista “Eu sou um memorialista! Eu sou um memorialista e um preservacionista dependente de compreender outras falas”.

Como cordelista, Dantas possui diversos cordéis, um destes ganhou notoriedade nacional, o Cordel “Chirác” em 2003, o cordelista sugere o nome do presidente francês Jacques Chirác para ganhar o Nobel da Paz, “Jacques Chirac merece ser Prêmio Nobel da Paz; o mundo dele precisa por ser um homem capaz de promover a concórdia; terceira guerra, jamais” – discursou Dantas (GLOBO, 2003). Ingressou na Academia Brasileira de Literatura de Cordel⁶, Academia de Letras de Campina Grande e atualmente é membro do Instituto Histórico de Campina Grande, ocupando a cadeira 39^a que tem como patrono o poeta Ronaldo Cunha Lima. Participou da fundação do grupo folclórico Cultura Nativa Tropeiro da Borborema⁷, pioneiro na modalidade de dança folclórica que procuram manter vivas as raízes culturais e resgatar as tradições culturais da cidade de Campina Grande, a sua criação tem como inspiração a história do município a partir dos seus primeiros passos ao desenvolvimento. Os Tropeiros foram componentes importantes para o progresso e desenvolvimento da cidade Rainha da Borborema, transportando alimentos, em lombos de mulas e jumentos. Através desse grupo, João Dantas participou de turnês pela Europa e Ásia: Portugal, França e Espanha, Coreia do Sul.

João Dantas criou o primeiro Festival Nacional de Música de Forró, depois do seu término, a TV Paraíba instituiu o Forraço em 1987 e que se transformou em 1991 o atual Forró Fest. Enquanto produtor musical possui a gravadora de disco Guriatã LTDA, produzindo artistas regionais, Capilé, Biliu de Campina e Amazan. Na vida política, atualmente é vereador do Município de Campina Grande, filiado ao Partido Social Democrático (PSD), lidera a bancada governista na Câmara Municipal, possui uma postura em favor da preservação cultural da cidade através de alguns projetos de leis.

Dantas é um dos idealizadores e autor do Projeto de Lei que criou o monumento aos Tropeiros da Borborema, localizado no antigo posto Berro D’água, em homenagem aos 150 anos de Campina Grande, além de projetos como Memorial Urbano de Campina Grande, que visa a identificar todos os monumentos e estatuas de Campina Grande através de placas de metal padronizadas, onde nelas serão contadas as histórias dos personagens ali retratados.

⁶ Ocupa a 20^a cadeira em homenagem ao Manoel D’Almeida Filho.

⁷ Fundado em 05 de maio de 1982, pelos professores Gerson de Oliveira Brito, Josefa de Lourdes Lira Brito e Evandro do Carmo Souza, o grupo tem como objetivo primordial pesquisar, divulgar, preservar e manter vivas as tradições do nosso povo. Entidade reconhecida de utilidade pública por força das Leis Estadual 6.114, de 26/09/1995, e Municipal 1.645, de 16/12/1987, o grupo constitui-se num patrimônio cultural da Paraíba.

Mas esta vida política inicia-se ainda na sua adolescência através dos antigos grêmios estudantis, que o fizeram líder, este acesso na vida política fez dele uma das vítimas no período da ditadura militar. Informações documentadas, através das entrevistas fornecidas a Comissão da Verdade⁸, a audiência da Comissão Estadual da Verdade (CEV-PB) foi realizada no dia 12 de Novembro de 2015, na sede do Ministério Público Federal em Campina Grande (PB). Nesta ocasião, o ex-agente da repressão, Francisco de Assis Oliveira Marinho, conhecido como o “Sargento Marinho”, estava sendo acusado por participar de sequestros e torturas em lugares como “granjas do terror”⁹. O vereador foi uma das vítimas do sargento, em julho de 1974, fazendo João Dantas percorrer 4,5 km encapuzado, saindo da região onde se localizava o 31º Batalhão de Infantaria Motorizada de Campina Grande até a região Cuités e Genipapo.

Na comissão da verdade, o Jornal da Paraíba publicou uma matéria onde o vereador citou algumas palavras de indignação sobre o sargento que em todo momento, buscava desmentir o seu envolvimento com as torturas realizadas na Ditadura Militar “Estou olhando para os seus olhos e, a partir de hoje, eu tenho certeza que se o senhor tiver consciência do mal que fez às pessoas desta cidade, o senhor não vai esquecer esses olhos” (Paraíba, 2015b). Como poeta, João Dantas compara a sua vida como um quadro, que deu cada pincelada, sobre alguém, sobre ele mesmo, sobre o que quis fazer, pensou em fazer, pensou em construir e deixou de fazer, mas terminou agregando todas estas coisas em um único pacote, que seria a sua sonhada Vila São João.

Bourdieu (1986) traz a partir da Ilusão Bibliográfica que o sujeito e o objeto da biografia têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada. Portanto, podemos observar que João Dantas procura mostrar através da sua narrativa discursiva o seu conhecimento sobre a cultura nordestina, permitindo-se qualificar como uma pessoa capaz de ensinar para outras pessoas, estes próprios acontecimentos abordados sobre a sua vida são influenciados a partir das temáticas nordestinas que o inspiraram a trabalhar no teatro, com cordéis, mas acima disso, pesquisador desta temática, os seus mestres regionalistas, impulsionaram a ser um defensor e conservador

⁸ Foi um colegiado instituído pelo governo do Brasil para investigar as graves violações de direitos humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. As violações aconteceram no Brasil e no exterior, praticadas por "agentes públicos, pessoas a seu serviço, com apoio ou no interesse do Estado" brasileiro.

⁹ Apelido dado aos aparelhos usados pela repressão em Campina Grande, por onde passaram ao menos dez presos políticos entre 1973 e 1974. Cedidas por empresários da cidade, as granjas ficavam afastadas do centro. Eram lugares aparentemente normais, mas que tinham uma estrutura para abrigar os presos políticos e equipamentos de tortura.

deste pensamento memorialista produzindo no século XX e transformado em cenário a Vila São João.

Tal postura apresentada por João Dantas através da Vila São João proporciona simpatia para os moradores da cidade, que nos faz questionar se este espaço o ajuda para uma permanência na carreira política, atualmente cumpri o sexto mandato como vereador da cidade de Campina Grande (DANTAS, 2018). Outra forma de promover-se politicamente está na sua aliança política a determinado grupo político de Campina Grande, dedicando a produção de um cordel:

Quem olha de lá de cima / Vê Campina Grande erguida / Cidade
reconstruída / Pelo Grupo Cunha Lima / Quem dela se aproxima /
Vindo pra passar um mês / Termina passando três / Quando sai diz na
esquina tudo de bom em campina / foi Cunha Lima quem fez.
(NÓBREGA, 2010b, p.74)

O uso do discurso pode reproduzir e estabelecer valores que determinam uma sociedade, neste caso, o discurso regionalista pronunciado em 1930 com o movimento regionalista, veio estabelecer uma identidade cultural a Região Nordeste, território que guarda as tradições culturais, no modo de falar, nas músicas, danças e literaturas, um apelo à sensibilidade do indivíduo, seja esse um morador desta região ou oriundo de outras regiões (Albuquerque Júnior, 1998). Percebemos um pouco dessas tradições na sua própria fala transformada em epígrafe, Dantas utiliza-se da poesia como método discursivo para defender a cultura tradicional do discurso regionalista na década de 30 citados anteriormente.

Esta é a mesma narrativa escolhida por João Dantas o idealizador da Vila São João na cidade de Campina Grande, a produção de uma imagem do Nordeste voltado as suas tradições, que se orgulham das suas origens, porém, buscam se distanciar da vida miserável e sofrida que vivenciaram.

1.2. O Espaço cenográfico da Vila São João.

Memorial do homem do Nordeste LTDA ou Memorial de São João, estes são os nomes oficiais para uma Sociedade Empresária Limitada, que compõe artes cênicas e espetáculos. No entanto, esse é um conjunto de expressão para João Dantas, conhecido como Arraial do São João, Arraial de São Pedro, Sítio São João, Fazenda São João ou mais recente Vila São João.

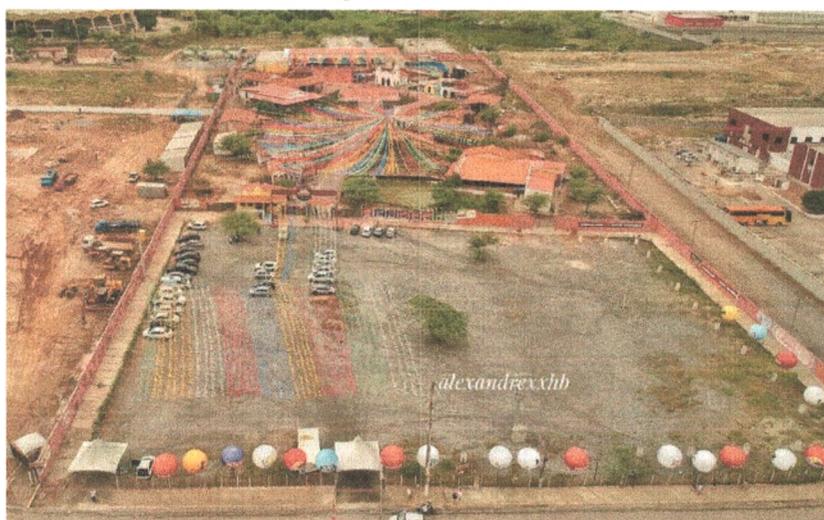
A Vila Sítio São João é um espaço construído como finalidade do seu idealizador de torna-se um memorial da cultura nordestina, desde 1995 o espaço é montado de forma

cenográfica, mas o primeiro sítio foi instalado na edição do evento Maior São João do Mundo, no ano de 2001, no próprio interior do Parque do Povo que permaneceu até o ano de 2005 sem lugar fixo, o sítio já passou por vários endereços: Parque do Povo; ao lado do Teatro Municipal; Avenida Brasília em 2008 no terreno de 18 mil metros quadrados; Manoel Tavares e por último foi montado no bairro Catolé, atualmente a estrutura foi montada no bairro Dinamérica, próximo ao ginásio O Meninão, que passará a ser um espaço definitivo, o novo ambiente possui quase três mil hectares, o local ganhou novos ambientes, formando uma grande “vila de zona rural” em plena área urbana. E por duas oportunidades a exposição do Sítio São João foi realizada em São Paulo no Parque Anhembi em 2004 (NÓBREGA, 2010).

Com o novo espaço permanente a intenção da organização da Vila Sítio São João é manter o espaço em funcionamento mesmo depois do mês de junho.

Esse é um desejo antigo, pois muita gente que vem a Campina Grande nos outros meses procura o Sítio São João, mas acabam frustrados ao encontrarem ele fechado. A ideia é buscar um planejamento para avaliar a viabilidade de manter ele aberto, talvez não sejam todos os dias, mas alguns dias da semana, assim espera João Dantas. (LIRA, 2018).

Fotografia 1: Vila São João¹⁰



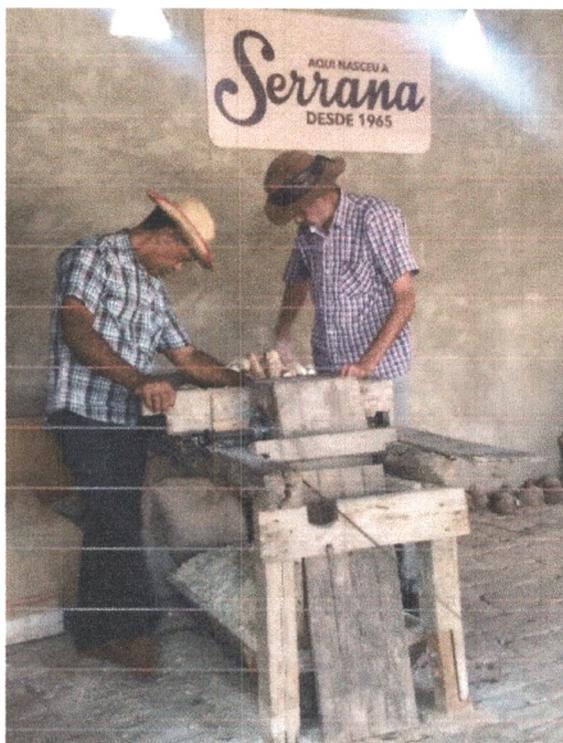
O Sítio possui mais de 2.800 peças de acordo com os seus organizadores, um espaço lúdico, construído com único objetivo: Exaltar a cultura nordestina! Uma construção de características coloniais, o seu idealizador busca através da construção cenográfica a formação de um grande museu natural, que apresentam características físicas da época da

¹⁰ Disponível em: <HTTP:// <http://hotsta.org/alexandrxxhb> Acesso em: 8 de julho de 2019.

colonização, costumes, raízes e essência do ser nordestino, diferentemente de outros museus e espaços destinados à apresentação histórico-cultural, a Vila São João, almeja a interação com o seu público através da produção de alimentos e artesanatos no local.

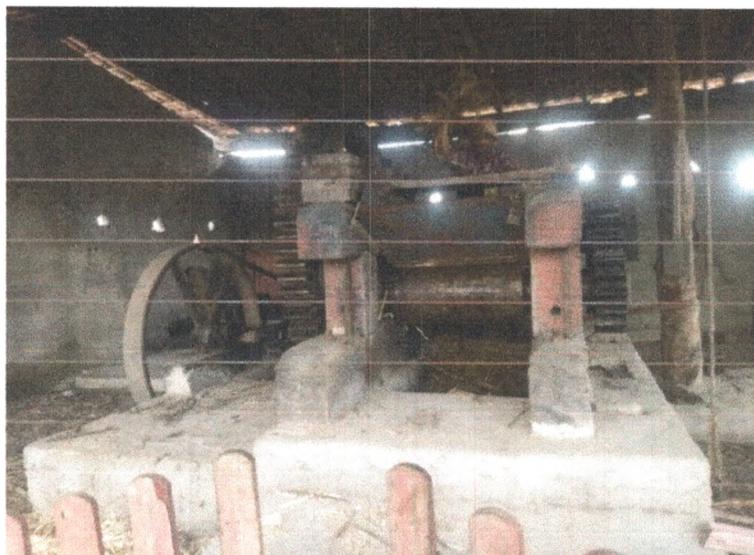
A Vila é enriquecida com detalhes, que ganham notoriedade com réplicas de objetos e construções centenárias a exemplo do Engenho e Moinho de Pedra com 300 e 400 anos respectivamente, evidenciando o período histórico do Brasil, o tempo dos colonizadores, buscando o cultivo de comidas derivadas da mandioca (farinha, beiju, tapioca, bolo, entre outros), além da produção derivadas da cana-de-açúcar (cachaça, açúcar, caldo-de-cana, rapadura, entre outros). Ambas as produções foram essenciais na formação político-econômica na região do Nordeste, que somaram as grandes construções dos Engenhos no período colonial.

Fotografia 2: Fabricação da Farinha de Mandioca



Acervo fotográfico da autora

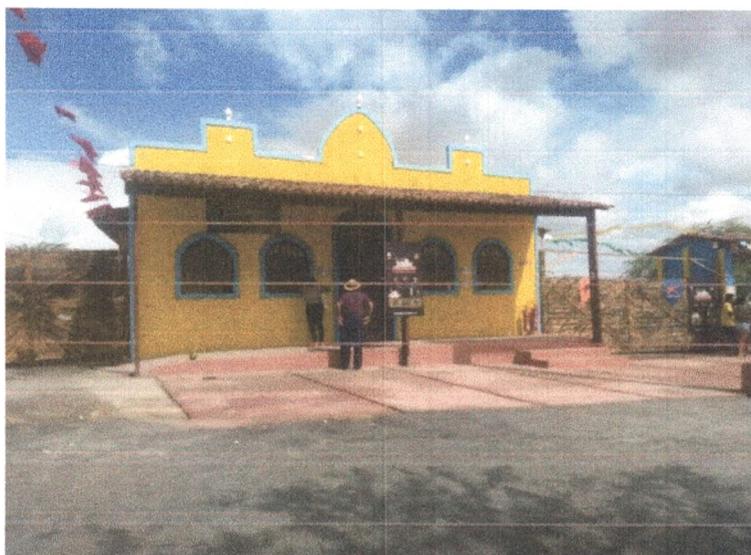
Fotografia 3: Moinho de Cana-de-Açúcar



Acervo fotográfico da autora

As influências de grandes memorialistas fizeram com que João Dantas buscasse elementos culturais de uma antiga Vila. Logo na entrada podemos encontrar a fachada de uma casa de características colônias, com suas portas e janelas arredondadas como podemos perceber na fotografia abaixo. Todos visitantes precisam passar por esse espaço, pois nele se encontra a bilheteria do sítio, ao entrar na Vila o visitante se encontrará espaços que remetem a um sítio que serão descritos ao longo do capítulo, trazendo certo simbolismo das pessoas que os veem.

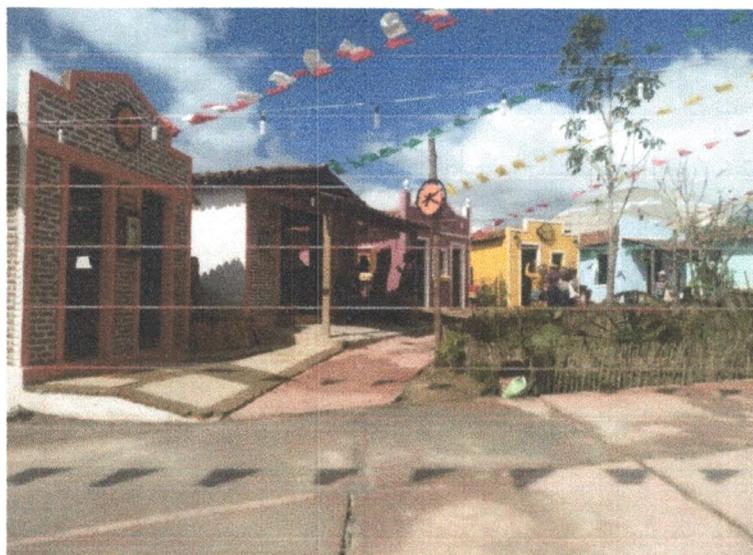
Fotografia 4: Bilheteria da Vila São João



Acervo fotográfico da autora.

Podemos deparar a pequenas lojas que caracterizam a produção do artesanato e comidas típicas, que são produzidas no próprio espaço. Demarcações de cercas dando a ideia delimitação de território aos espaços cenográficos que são considerados casas de engenhos, um conservadíssimo Ford 1929 que contrapõe com a ideia de modernidade do espaço, localizado ao lado da Bodega, espaço mais visitado de toda Vila por ser repleto de detalhes que fazem as pessoas revirem em suas memórias afetivas, o próprio João Dantas fala com um saudosismo da Bodega por se tratar de uma referência ao seu tio avô, onde buscou uma reprodução próxima ao real.

Fotografia 5: Lojas de Artesanato e Culinária



Acervo fotográfico da autora

Todos os espaços produzidos na Vila São João buscam proporcionar interação social, que nos ajudam a entender um pouco da história da cultura nordestina e a história do próprio sítio. A exemplo do bodegueiro, onde tive a oportunidade de conversar durante o desenvolvimento desta pesquisa, tem o seu papel de colocar-se a disposição dos visitantes para tirar dúvidas dos objetos expostos. Essa interação com o visitante torna-se bastante agradável, deixando uma boa impressão daqueles que visitam o ambiente, que faz a referência direta com a cultura da boa recepção do nordestino aos turistas ou qualquer que seja o visitante. Tornando-se essencial essa participação dessas pessoas, porque a maioria dos objetos expostos não possui descrição sobre o objeto que poderia facilitar a compreensão dos visitantes sobre o que está vendo, principalmente aqueles que não conhecem da cultura nordestina por viverem em outras regiões do Brasil.

Outro espaço bastante visitado por todos são a Casa de Farinha, Engenho Motriz de Cana-de-açúcar e a Casinha do Morador, este espaço é uma reprodução lúdica de qualquer morador sertanejo que podem ser encontrados ainda hoje. Composta por barro e taipa, enquanto podemos encontrar utensílios que estão presentes tanto nas casas rurais como nas cidades, a exemplo do filtro de barro, oratório, fruteiras de ferro, louças de porcelanas, cestos de agaves, porta retratos nas paredes e pinico no quarto, assim como utensílios que possui mais características rurais como fogão a lenha e ferro a brasa.

Fotografia 6: Casa do Morador



Acervo fotográfico da autora

Todo o complexo sítio ainda é constituído por Armazém de Mangais, Casa de Sisal, Barbearia, Casa do Ferreiro, Tipografia que conta um pouco da história de Campina Grande, como fotografias raras das ruas da cidade de Campina Grande e personalidades que marcaram a história de CG, artistas como Marinêz¹¹ e políticos como Ronaldo Cunha Lima e Rômulo Gouveia, deixando bastante claro a posição partidária de João Dantas, mas acima de tudo a admiração, quase idolatria que ele possui pelo antigo prefeito de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima, conhecido como o pai do Maior São João do Mundo, o próprio João Dantas possui um cordel em homenagem a família Cunha Lima com o título “Tudo de bom em Campina Grande foi Cunha Lima quem fez”.

¹¹ Inês Caetano de Oliveira foi uma cantora brasileira de forró, baião e xaxado, entre outros ritmos.

Nesse mesmo espaço podemos encontrar dois itens bastante raros, o famoso e popularizado Lambe-lambe¹² e uma Cordelaria. A Igreja Matriz, com seus bancos de madeiras, vitrais coloridos e um chão de pedra. Uma parte bastante interessante que faz parte dessa estrutura são os Currais, Plantações de Milho e outros produtos agrícolas, Poste de Iluminação a Querosene, Parque de Diversões e Charretes¹³.

A programação da Vila propõe a conservação da cultura nordestina, a organização prefere não procurar atrações que fogem da música de raiz, diferente da organização do próprio Maior São João do Mundo, que busca apresentações que abrangem artistas, tal como Ivete Sangalo, mesmo sendo um ícone da cultura nordestina do Estado da Bahia, mas que possui uma vertente cultural para o Axé, assim como Marília Mendonça, Gustavo Lima e Matheus & Kauan, nomes que compõe o mercado musical sertanejo, que promove publicidade aos eventos que participam, mas que fogem da cultura local, mas uma festa que chame a atenção do turista precisa ser rica, cheia de atrações que fazem as pessoas curtirem aquele momento e saíam com um sentimento de saudades, para que o próximo ano, elas possam voltar e reviverem todos os momentos de felicidades deixados no ano anterior.

1.3. A festa da Vila São João.

Uma das principais falas de João Dantas sobre a Vila São João é a importância de a empresa possuir autonomia econômica¹⁴, segundo ele não possui nenhum investimento de caráter público, principalmente por causa de divergências políticas ocorridas no ano de 2007, com o prefeito, Veneziano Vital do Rego¹⁵ oposição partidária, neste ano, onde fez questão de colocar faixas em torno do sítio dizendo: “O Sítio São João não recebe apoio da prefeitura” (Dantas, 2019). No entanto, na administração da atual prefeito Romero Rodrigues, no qual,

¹² Lambe-lambe é o nome dado ao fotógrafo ambulante que usa o equipamento fotográfico, conhecido como máquina-caixote, mas que ficou popularizado Lambe-lambe o próprio objeto, a máquina é revestido com couro cru, madeira ou metal e coberto na parte posterior com uma espécie de saco negro, com três aberturas: dois orifícios para os braços e um para enfiar a cabeça na hora de bater e revelar as fotografias.

¹³ Fotografias encontradas em Anexo.

¹⁴ Há uma contradição das informações entre João Dantas e a prefeitura de Campina Grande, o mesmo afirma que há “seis anos que ele não recebe, ele não busca, e nem quer e nem pede recursos públicos de nenhuma natureza Lei Municipal Estadual e Federal. O que é uma empresa privada hoje de sociedade limitada que tem empregados paga água luz telefone as funcionárias fixos mais no ciclo junino passa de 100 funcionários” No entanto, o Jornal da Paraíba informa que: “O local funciona em um terreno da prefeitura de Campina Grande em um acordo de cessão de uso e tem como contrapartida oferecer aulas educativas e culturais para as crianças e adolescentes”.

¹⁵ É um advogado e político brasileiro filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Foi vereador e prefeito de Campina Grande, deputado federal pela Paraíba por dois mandatos consecutivos e atualmente é Senador pelo estado da Paraíba.

João Dantas compõe a base aliada da gestão municipal, possibilitou a concessão do terreno (Paraíba, 2019)¹⁶ para a montagem desse espaço cenográfico.

A antropóloga LIMA (2008) ao tratar a festa do Maior São João do Mundo, produz a imagem desta festa inicialmente de caráter histórico-social, passando a ser de caráter histórico-econômico-cultural, apresentando-se como mega evento, produto turístico a servir “modelo de festa” não só para região Nordeste, mas para todo o país.

Seguindo esta linha de comercialização, podemos perceber que João Dantas utiliza a Vila São João para promover de certa forma esses mesmos interesses, apropriando-se da tradição histórico-cultural do regionalismo nordestino. Se a elite intelectual nordestina explorava a imagem simbólica do Nordeste, principalmente sobre questões econômicas, quando houve a primeira crise do açúcar ainda na metade do século XIX. A Vila São João usa a manipulação simbólica da imagem difundida neste período de 1920 com o movimento regionalista, através da exploração econômica da imagem deste ambiente.

Existem duas formas de funcionamento da Vila São João, durante o ano e durante o período da festa do São João da cidade. No decorrer do ano a Vila proporciona visitas agendadas durante segundas até as quartas-feiras, a Vila Sítio São João abre as portas apenas para atender a demanda da rede pública de ensino e entidades filantrópicas, em comum acordo com a prefeitura de Campina Grande, oferecendo aulas educativas e culturais para as crianças e adolescentes. Nas quintas e sextas-feiras a administração recebe o público pagante com ingressos a R\$ 10,00. Vale ressaltar que durante o ano há apresentação de grupos musicais.

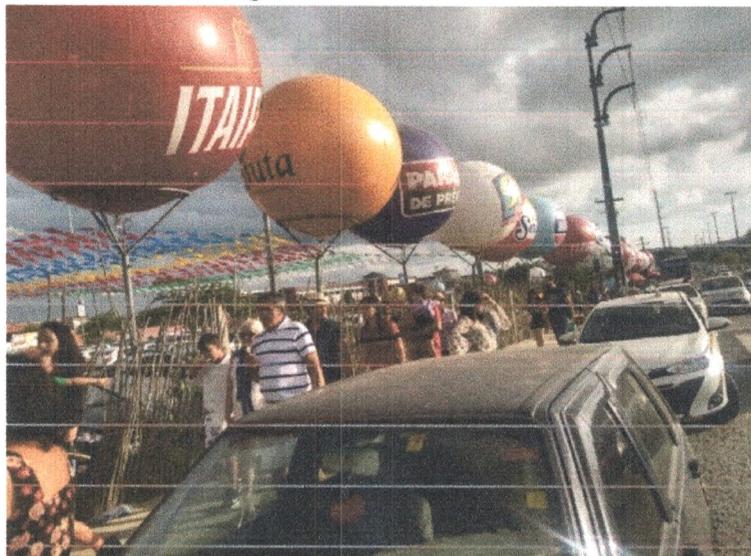
Durante o período da festa junina este espaço funciona das 12h às 22h de segunda a domingo, com trios de forró pé de serra por toda cenografia. Já nos sábados e domingos, ocorrem shows com bandas popularmente conhecidas, os visitantes pagarão o valor promocional de meia-entrada que custa R\$ 25.00.

Os principais recursos econômicos são os visitantes que pagam a entrada, além dos patrocinadores que fazem os seus investimentos para exposição de suas marcas. Para este período de festejos juninos a Vila possui uma equipe de mais de cem funcionários que trabalham especificamente para a Vila São João, todos eles com vínculos empregatícios através da carteira de trabalho, as contratações desses funcionários estão ligadas a uma empresa terceirizada, para as lojas ligadas aos patrocinadores do evento que tem contato direto com o público, podemos observar um perfil estético desses funcionários, homens e mulheres visualmente bem apresentáveis, contramão a ideia de estereotipo nordestino criado

¹⁶ Jornal da Paraíba – Campina Grande, 04 de Junho de 2019.

pelo discurso regionalista, que buscava a imagem do homem sofrido. Nos períodos fora da época junina a organização conta com 10 funcionários permanentes.

Fotografia 7: Balões Publicitários



Acervo fotográfico da autora

Toda a estrutura compõe uma reprodução da vida simples do homem paraibano, nas figuras do sertanejo, brejeiro, caririzaeiro, agrestino e do curimataú (NÓBREGA, 2010). Quando lançamos um comparativo no processo de modernização do Brasil entre as regiões Nordeste e Sudeste, percebemos uma nítida distinção entre as regiões, o processo de modernização na região tida como pobre tornou-se muito mais lenta. Com um papel fundamental das elites, a modernização e modernismo no Brasil buscou um processo de democratização para uma minoria (CANCLINI, 2015). As diferenças socioeconômicas das regiões propiciarão um desajuste cultural das classes dominantes, proporcionando uma cultura baseada em influências estrangeiras, ou seja, a cultura nacional em grande parte possui diversos indicativos de influências europeias havendo, portanto uma hibridização cultural (CANCLINI, 2015). A modernidade passa a ser um sinônimo de pluralidade, mesclando as relações do tradicional e moderno, culto, popular e massivo.

Ao olharmos para cultura regional nordestina através das festas juninas podemos perceber um misto de culturas locais com culturas estrangeiras, a festa de celebração familiar em espaços originários do rural, celebração dos santos católicos de Portugal, absorvidos através dos ensinamentos das ordens religiosas Companhias de Jesus, assim como, a quadrilha trazendo o estilo de dança oriunda da França.

Dentro dessas principais características do movimento modernista no Brasil podemos destacar dois pontos de ambiguidade quando passamos trabalhar esses aspectos a partir da Vila São João que são a busca do resgate das raízes culturais brasileiras e a crítica à realidade brasileira, ambas as características se divergem na ótica de imagem regional presente na Vila, podemos encontrar esse resgate cultural através de todo o espaço cenográfico, como também nas atrações culturais (repentistas, cordelistas, embaladores de coco, entre outros) presentes principalmente no período junino, além da divulgação da arte e comida regional, essa construção identitária torna-se uma manifestação da cultura regional da cidade. Contrapondo-se o pensamento de arcaico, ultrapassado ou atrasado, na ótica da interpretação do outro, na visão de Canclini, as culturas passam a ser interpretado no período do movimento modernista a partir da metrópole, (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013) coloca essas diferenças a partir da desigualdade socioeconômica das regiões Sul e Norte, ambos entendem que a crítica cultural se faz presente na perspectiva do rico ao pobre, moderno ao antigo, desenvolvido ao arcaico.

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceram a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional que se intensifica entre as elites do nordeste do país, a partir do final do século XIX, quando o declínio econômico e político desta área levará a uma progressiva subordinação deste espaço em relação ao sul do país, notadamente São Paulo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 138).

A busca de João Dantas em homogeneizar a imagem das vilas e sítios nordestinos a partir desse discurso regionalista da seca, tornado-se esse espaço um simulação da época, mas que se contradiz, pois tratamos de uma região que possui diferentes fatores climáticos, com marcadores ambientais distintos a exemplo do próprio litoral versus sertão e agreste versus brejo. E trazer um único modelo que busque essa representação de sítio, é deixado às diferenças de outro tipo de Nordeste e suas peculiaridades, mas também, por vezes distinto, o Nordeste dos grandes Engenhos de Açúcar bastante tradicional da região.

Essa dubiedade entre os espaços ainda se caracteriza no próprio sítio, o engenho no período colonial, que ajudava na produção de açúcar, cachaça, rapadura e entre outros, a casa de farinha, contrapondo-se com objeto de modernização o automóvel da Ford 1929, além dos espaços modernos para o grande público, entre restaurantes e palcos para exposições culturais. As articulações são construídas por causa da sensibilidade dos seus habitantes para as festas juninas. A festa do São João é uma redefinição do cotidiano ordinário e que novas territorialidades são cartografadas quando os espaços são enfeitados para receber o São João

(LIMA, 2008). A festa junina que marcam uma tradição nordestina sobre uma cidade moderna é uma construção dualista sobre esse Nordeste cheio de contradições.

Para Canclini o modernismo cultural tanto impulsionou como trouxe um repertório de símbolos na construção da identidade nacional, sendo assim, a construção das identidades regionais passam a ter as suas similaridades a partir do modernismo, mas tornam-se distintas dentro dos aspectos sociais de suas culturas. O próprio Gilberto Freyre desenvolve esta abordagem modernista ao retratar o Brasil no seu livro *Casa Grande e Senzala*, obra descritiva sobre a população brasileira.

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, a do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone. (FREYRE, 2004. p. 160).

Assim como FREYRE (2004), podemos perceber que João Dantas busca através a produção cenográfica da Vila a descrição da representatividade nordestina baseada não somente em meios descritivos, mas ao estilo José Lins do Rego que buscam através da memória, as experiências vividas sobre as espacialidades de cada indivíduo sobreposta na própria Vila São João, com toda a estrutura cenográfica que contribui significativamente para ativação dessas memórias, mas como também as experiências adquiridas a partir das memórias afetivas. No entanto, Canclini condena o uso ideológico do patrimônio cultural, por procurar sugerir um humanismo reconciliatório, principalmente “nas escolas e nos museus, nas campanhas de difusão cultural, as tradições de classes e etnias cindidas fora dessas instituições.” (NÓBREGA 2010 apud CANCLINI, 2008, p. 191).

Podemos considerar sobre a construção dessas experiências está a partir do momento em que o visitante da Vila passa a entrar em alguns espaços específicos como a bodega que possui elementos similares a encontradas nas cidades do interior, a casa de barro com seus diversos objetos que ilustram a formação social de uma família nordestina, e todas essas reproduções ainda são enriquecidas pela percepção do olfato, o visitante que já morou em sítio, visitou cidades de interior ou casas de parentes, ao adentrar nesses ambientes da Vila São João passará pela experiência de assimilar os cheiros dos espaços cenográficos aos espaços que eles já conhecem ou conheceu, levando o visitante a nutrir de suas emoções.

Nesse processo modernista visto por Canclini, podemos perceber que a política estatal colaborou significativamente para construção do simbolismo cultural, os ricos promovem a indústria cultural e os pobres absorvem, assim como no período das elites intelectuais nordestinas. Em uma cultura industrializada, que necessita expandir constantemente o consumo, é menor a possibilidade de reservar repertórios exclusivos para minorias (Canclini, 2015, p. 89), uma cultura voltada para as massas produz conforme a demanda do consumo.

A Vila São João é um espaço de industrialização cultural a partir do momento que passa a produzir e vender um produto para consumo, mesmo sendo este produto inconsumível. O sítio pode até ser considerada pelo seu idealizador uma empresa sem fins lucrativos, mas uma empresa privada que tem como objetivo de produzir arte, cultura e teatralização, mas além da venda desses produtos materiais, percebemos a fabricação imaterial da ideia de cultura estereotipada do nordestino que tem como principal alvo os turistas que se fazem presente na cidade para o período das festas juninas no São João de Campina Grande.

A tendência geral é que a modernização da cultura para elites e para massas vá ficando nas mãos da iniciativa privada (CANCLINI, 2015). Além da própria Vila São João, temos atualmente a privatização da organização do Maior São João do Mundo, festa que ganhou notoriedade a partir das criações festivas dos bairros, atualmente a produção pertence a uma minoria. O Estado tem como papel a legitimidade e consenso ao aparecer como representante da história nacional, as empresas obter lucros e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem “não interessada” de sua expansão econômica. (CANCLINI, 2015, p 90).

Portanto, podemos perceber que João Dantas através dos memorialistas nacionais, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e entre outros, serviram para nortear a sua formação discursiva voltada ao movimento regionalista, fazendo-se um conhecedor da cultura nordestina, permitiu-se transformar esse discurso estereotipado em um cenário conhecido como Vila São João que pudesse retratar (o pobre, o rústico, seca e ultrapassada) a cultura defendida por esses grandes literatos da elite intelectual nordestina que possuíam amor pela região, mas que respondia aos seus interesses econômicos.

CAPÍTULO 2: CENÁRIO DA VILA SÃO JOÃO: NARRATIVAS SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO

O Centro¹⁷ passa a oferecer a personalidade que o visitam: “almoços regionais”, excursões a locais “regionalmente significativos”, como cidades históricas, velhos engenhos, igrejas coloniais, tudo acompanhado de uma “orquestra típica”, tocando música regional. Realizam-se exposições regionais de artes plásticas. (Albuquerque Jr, 2013).

Neste capítulo pretendo problematizar os discursos utilizados por João Dantas para justificar a construção do cenário da Vila São João. Para tanto, analisaremos o engenho, igreja, casa do morador e bodega, espaços apresentados como característicos de algumas regiões do nordeste brasileiro.

Michel de Certeau no livro *a Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer –* problematiza a prática de consumo da cultura popular que “apropria e reapropria dos enunciados” (CERTEAU, 2014), neste caso, da cultura nordestina, e, instaura um novo presente relativo a um momento ou lugar. Esse tipo de apropriação e reapropriação exerce um poder sobre esses indivíduos, que privilegia o aparelho produtor (disciplina), (CERTEAU, 2014). As produções culturais passam a serem produtos-espetáculos, tornando-se um produto de consumo das massas, o uso da fabricação cenográfica da Vila São João passa a ser um produto vendido e consumido.

As manipulações dos espaços passam a fornecer um simbolismo, por exemplo, quanto mais João Dantas utiliza-se desse espaço com características rústicas, mas esse produto passa a ser consumido pelas pessoas que as visitam, pois elas se identificam com essa construção estereotipa, discurso de estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva a estabilidade acrítica (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 20).

João Dantas ao estabelecer um conjunto de objetos cenográficos que faz referência a cultura nordestina, ele passa a usar de determinados espaços socioeconômicos, que forma uma luta imemorial entre as classes. A Vila possui uma estrutura física baseada em aspectos antropológicos, sociológicos e históricos, mesmo seu idealizador se autodenominar um conhecedor do tema Nordeste, devemos considerar que João Dantas assumiu um papel de

¹⁷ O Centro Regionalista do Nordeste, fundado em 1924, era encabeçado por Freyre e intencionava representar um polo de investigação e preservação das tradições socioculturais nordestinas, ressaltando como elas retinham as características mais destaca das e autênticas do “povo brasileiro”. (SANTOS, 2013).

pesquisador, porém, não possui um olhar especializado, já que ele não possui a formação acadêmica de nenhuma dessas três ciências.

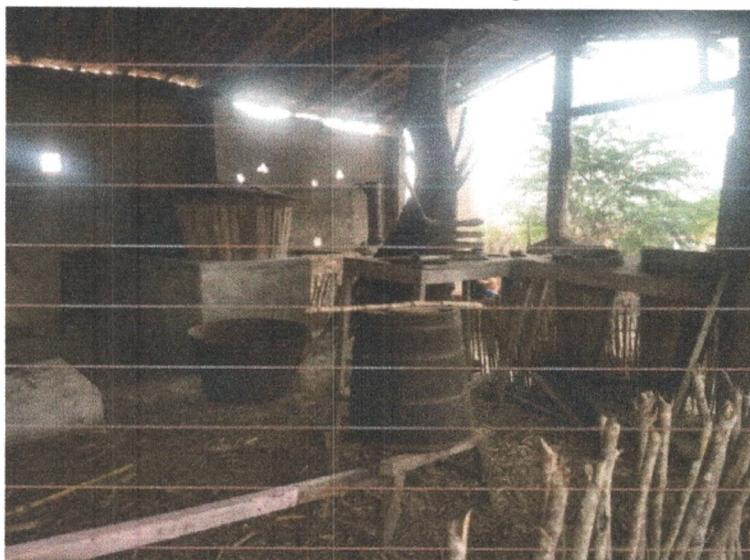
Quando analisamos os aspectos do sítio, percebemos vários tipos de Nordeste em um único espaço, as distinções e similaridades do lugar se caracterizam através da caatinga e agreste, litoral e sertão, agrário e pastoril, canaviais e algodoads, xiquexique e mandioca, entre outras características. A própria utilização da cana-de-açúcar em uma região como Campina Grande já foge das características geográficas de plantação da cana-de-açúcar, comum nas regiões próximas do litoral, segundo FREYRE:

O açúcar não só abafou as indústrias democráticas de pau-brasil e de peles, como esterilizou a terra, em uma grande extensão em volta aos engenhos de cana, para os esforços de policultura e de pecuária. E exigiu uma enorme massa de escravos. A criação de gado, com possibilidade de vida democrática, deslocou-se para os sertões. Na zona agrária desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semifeudal - uma minoria de brancos e brancarões dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos criados aos magotes nas senzalas como os lavradores de partido, os agregados, moradores de casas de taipa e de palhas⁴ vassalos das casas-grandes em todo o rigor da expressão. (FREYRE, 2003, p. 16)

O engenho, era a grande propriedade produtora de açúcar, era constituído, basicamente, por dois grandes setores: o agrícola: formado pelos canaviais e o de beneficiamento: a casa-do-engenho, onde a cana-de-açúcar era transformada em açúcar e aguardente. A estrutura dos engenhos seguia compostas pela Casa Grande, local que morava o senhor e a família, a Senzala, local onde os escravos ficavam, a Capela, Construída a partir da necessidade religiosa, Casa dos Trabalhadores Livres e Cural. As terras não exploradas pelo senhor do engenho eram cedidas aos lavradores, obrigados a moer sua cana no engenho do proprietário, entregando-lhe a metade de sua produção, além de pagar o aluguel da terra usada.

Sob a forma do complexo casa-grande e senzala: ou do sistema patriarcal agrário, isto é, latifúndio, monocultura e trabalho escravo: "estes três elementos se conjugam num sistema típico, a grande exploração rural, isto é, a reunião, numa mesma unidade produtora, de grande número de indivíduos. É isto que constitui a célula fundamental da economia agrária brasileira". (FREYRE, 2003, p. 184).

Fotografias 8: Casa de Engenho



Acervo fotográfico da autora

A espacialidade da Vila São João segue essa estrutura dos antigos Engenhos, temos um espaço estruturado no modelo social escravista e de servidão, porque para os homens que eram considerados livres, o acordo das sesmarias¹⁸ só beneficiava os ricos que se tornavam grandes proprietários e arrendavam os colonos, sistema típico do feudalismo europeu. Uma característica bastante trabalhada é a religiosidade, um símbolo presente na vida do sertanejo é marcado por uma diversidade de religiões que tiveram influências indígena, africana e europeia, porém, mas está no catolicismo romano a principal linha religiosa seguida pelos nordestinos e também pelos brasileiros.

Mas a igreja que age na formação brasileira, articulando-a, não é a catedral com o seu bispo a que se vão queixar os desenganados da justiça secular; nem a igreja isolada e só, ou de mosteiro ou abadia, onde se vão açoitar criminosos e prover-se de pão e restos de comidas mendigos e desamparados. É a capela de engenho. (FREYRE, 2003, p. 143).

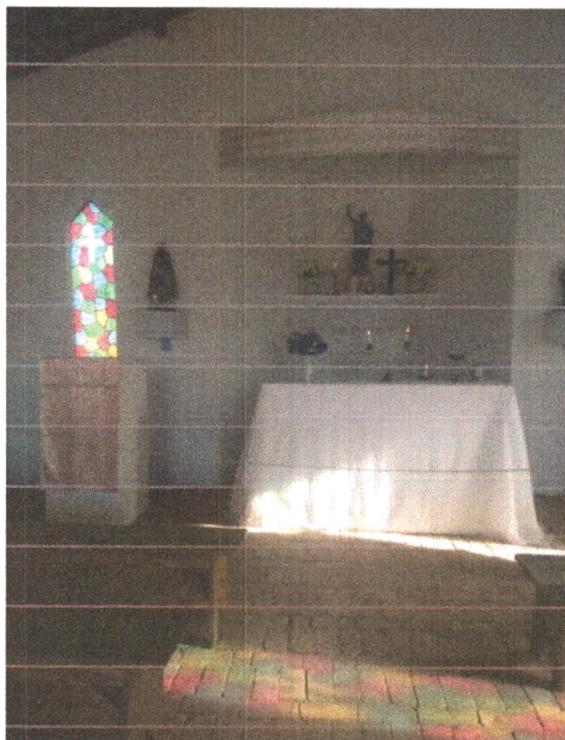
¹⁸ Sesmaria foi um instituto jurídico português que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção agrícola.

Fotografias 10: Frente da Igreja Matriz



Acervo fotográfico da autora

Fotografias 11: Interior da Igreja Matriz



Acervo fotográfico da autora

Gilberto Freyre (2006) ainda afirma na sua obra *Casa Grande e Senzala* que a principal exigência para conquistar uma sesmaria seria professar a religião católica. Dantas buscando se aproximar as narrativas de Freyre constrói a Igreja. O cotidiano da família patriarcal será então marcado por práticas religiosas, assinalando a passagem dos dias, dos anos, da própria vida. Práticas diárias: “dentro da casa rezava-se de manhã, à hora das refeições, ao meio-dia; e de noite, no quarto dos santos – os escravos acompanhando os brancos no terço e na salve-rainha”. Rezava-se também ao deitar e ao acordar. (FREYRE, 2006, p.431)

A Influência religiosa se faz presente em todo o espaço da Vila São João, o próprio lugar é composto por uma Igreja Matriz, capela e oratórios na Casa do Morador. O próprio período de maior visitação, o mês de junho, o São João é uma das principais festas da região Nordeste, marca a mudança entre as estações climáticas que davam origem ao ciclo da colheita do milho e feijão, mas também a celebração religiosa, que representam purificação e regeneração da vegetação e das estações envolto em misticidade e superstições por simbolizar o São João, o santo do amor. O catolicismo se fez presente no cotidiano da família colonial, batizados, casamentos, 1ª comunhão, velórios, entre outros ritos.

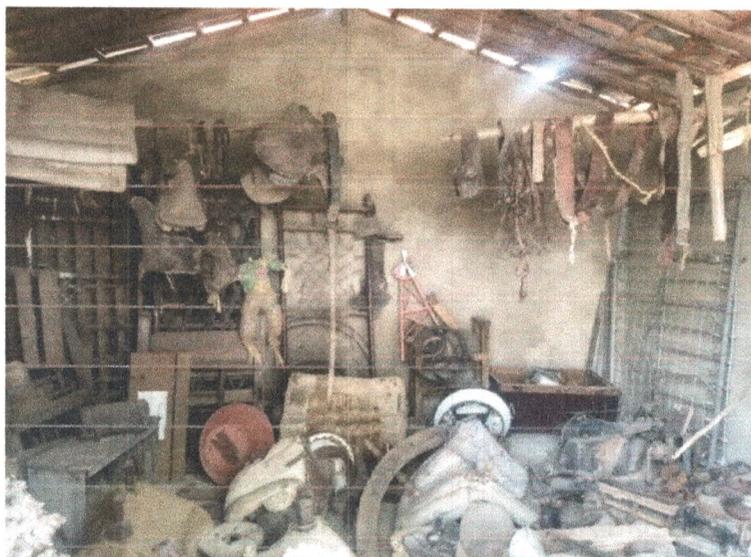
Mas além da religião católica podemos observar outras influências religiosas nos espaços da Vila, a Estrela de Davi, símbolo da religião judaica. Em contrapartida, podemos entender que a formação discursiva sobre a escolha religiosa é seletiva e possui de certa forma uma intolerância religiosa, visto que, na construção da imagem nordestina as religiões afrodescendentes se faz presente ainda no período colonial e não são representadas nessa imagem de Nordeste produzida por João Dantas.

Fotografia 12: Frente da Oficina do Ferreiro e o Símbolo da Estrela de Davi.



Acervo fotográfico da autora

Fotografia 13: Interior da Oficina do Ferreiro



Acervo fotográfico da autora

Quando João Dantas constrói cenários cenográficos, ele transforma essa referência em uma imagem representativa de cultura nordestina, quando se utiliza a Casa do Morador, construção de Pau a pique, também conhecida como taipa de mão, taipa de sopapo ou taipa de sebe, é uma técnica construtiva antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu, amarradas entre si por cipós, dando origem a um grande painel perfurado que, após ter os vãos preenchidos com barro, transformava-se em parede. Podia receber acabamento alisado ou não, permanecendo rústica, ou ainda receber pintura de caiação. O uso de paredes feitas de pau a pique e tabique foi muito intenso na época do Brasil colônia, principalmente no uso de paredes internas de residências da época, contudo, por ser um estilo de construção de mais baixo custo e muitas vezes com materiais encontrados na própria natureza, muitas vezes é associado apenas às residências rurais.

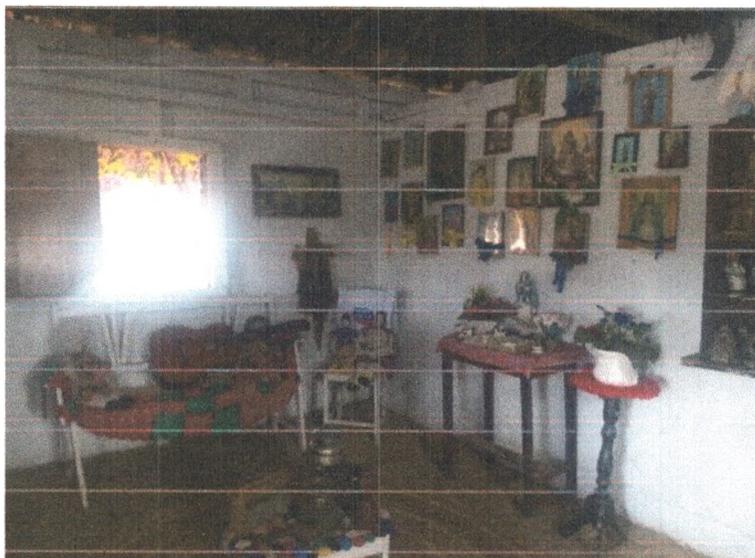
A casa é composta por três ambientes no interior, uma sala que possui diversos objetos que remetem aos costumes nordestinos, oratório, quadros com diversos santos, bonecos de panos e palha, acordeon, toalha de chita, fuxico, lampião e rádio. No quarto, encontramos outro oratório, uma colcha de fuxico e pinico, já que o banheiro fazia parte da área externa. Na área externa a casa é delimitada com uma cerca de taipa nas pontas, podemos perceber a presença de casca de ovo, normalmente para quem não conhece dos costumes nordestinos, poderia pensar antecipadamente que isso seria mais um adereço em meio à cenografia, no entanto, para o sertanejo a casca de ovo é rica em cálcio, magnésio e potássio, na falta de recurso para comprar remédio, usava dessa casca resecada pelo sol, esfarelava e fazia-se um chá.

Fotografia 14: Casa do Morador



Acervo fotográfico da autora

Fotografia 15: Sala de Estar



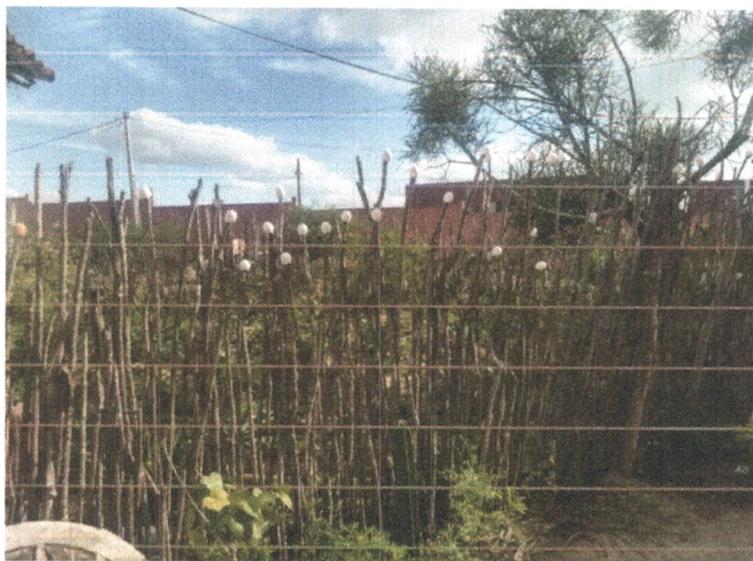
Acervo fotográfico da autora

Fotografia 16: Quarto



Acervo fotográfico da autora

Fotografia 17: Área Externa



Acervo fotográfico da autora

Para expressar a dubiedade do discurso regionalista, no mesmo ambiente, podemos observar uma mesa farta de comida, em outro momento, a roça castigada pela seca. Vale ressaltar que os canaviais, pastagens e lavoura de subsistência formavam as terras do engenho. O negro e o índio também tiveram grandes influências nos costumes. Na culinária, o índio

deixou influências, como: a mandioca, a farinha, a paçoca de peixe ou carne vermelha, o amendoim e o milho. O negro influenciou a culinária brasileira com a farofa, o vatapá, a feijoada, a introdução de azeite de dendê e de vários doces. Tais produtos eram cultivados para servir de alimento.

Na imagem que retrata as comidas podemos observar os alimentos produzidos que são derivados dos produtos produzidos pela lavoura desses engenhos, cuzcuz, pé-de-moleque, pamonha, canjica, queijo de manteiga e coalho, pão de peso, entre outros. O simbolismo da mesa farta não reproduz a imagem da casa do homem livre do engenho, mas do senhor de engenho. João Dantas propõe a usar o espaço cenográfico como imagem da cultura nordestina, ele se apropria de vários períodos de tempos diferentes, mudando a historicidade social da cultura nordestina. Certeau (2014) diz que o sistema de representações não aparece como quadros normativos, mas como instrumento manipulável pelo usuário, João Dantas usa dos objetos como formação discursiva, ao usar produtos que definem a logomarca de um dos seus patrocinadores, como objeto que faz parte da mesa e do dia-a-dia da família nordestina.

Fotografia 17: Cozinha da Casa do Morador



Acervo fotográfico da autora

A Bodega é um dos espaços mais visitados, pela quantidade objetos e detalhes que chamam atenção de quem entra típico comércio da região nordestina, faz parte da história de muitas cidades do interior, sítios, vilas e aldeias. As bodegas surgiram, então, neste meio, onde predominam práticas comerciais primitivas (trocas, escambos), comuns no início da ocupação dos sertões brasileiros (DINIZ, 2004). Mesmo sendo um espaço antigo ainda hoje é

possível encontrar bodegas na cidade de Campina Grande, a exemplo no bairro de José Pinheiro, normalmente, o perfil socioeconômico desse espaço alcança pessoas de baixa renda, que ainda praticam a compra nesses lugares com o caderno de contas, no qual, são registradas a quantidade das compras realizadas pelo freguês, costume considerado atualmente de bastante credibilidade.

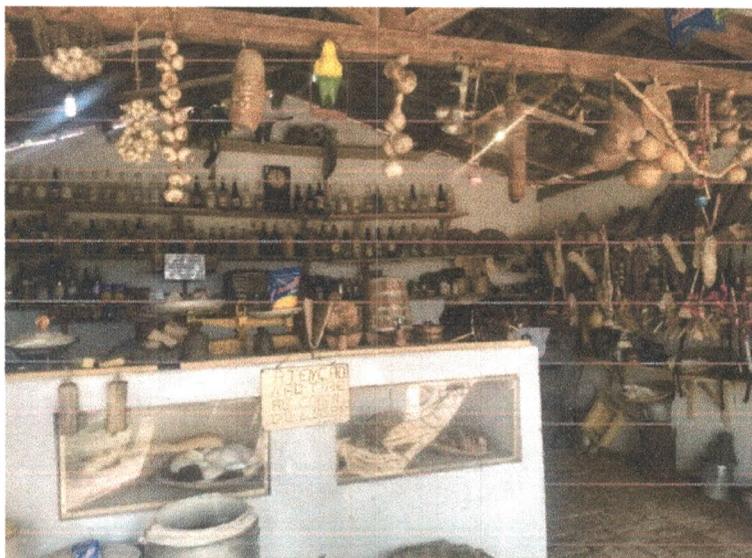
Hoje as bodegas são mais conhecidas por mercearias, se espalhavam em todas as esquinas, ruas, becos e vielas das cidadezinhas. Vendiam de tudo: fumo de rolo, charques, brinquedos, chupetas, pingas, mel de engenho, farinhas, balas, pirulitos e por aí vai. A lista é grande e não caberia neste espaço. Cada uma levava, em geral, o nome de seu proprietário: “Bodega de Seu José”, “D. Maria”, de Seu Pedro, de “Dona Maricota”, “Seu Ciço”. A maioria desses espaços nas cidades pequenas possuem as mesmas características, um balcão de madeira e vidro embaixo para mostrar os demais gêneros alimentícios, como pães, bolos e queijos; uma balança Filizola, estante de madeira ao fundo, sacos de açúcar, feijão, arroz, rolos de carne de charque, e até banha de porco se encontrava ali para atender a freguesia.

Fotografia 18: Frente da Bodega.



Acervo fotográfico da autora

Fotografia 19: Interior da Bodega.



Acervo fotográfico da autora

Ao andar pela Vila São João trouxe uma sensação de familiaridade, no entanto, torna-se evidente que o espaço representado na Vila São João possui uma interpretação ambígua, visto que, a representação do espaço proporcionará reações, avaliações e significados diferentes, pois as percepções do espaço serão modificadas conforme a opinião de classes ou grupos que ali estão presentes. O turista que não possui nenhum vínculo, com o homem do campo, a cultura regional, tradições nordestinas e tantas outras singularidades do lugar possivelmente, olhará um espaço voltado para cenografia ou um meio de conhecimento da cultura regional. Em contrapartida, a pessoa que possui, ou possuiu, alguma memória afetiva, marcada por suas experiências de vida, levará a sua memória ao sentimento saudosista.

O discurso regionalista sobre o Sertão e o sertanejo problematizará a existência de uma imagem nordestina enquanto ao pertencimento, sentir parte de algo produzirá um conceito do mesmo. É importante entender que a formação desse discurso regionalista é produzida por alguém que não se aplica na maioria das vezes ao determinado espaço, fazendo-se necessário criticar os conceitos produzidos por eles, o movimento regionalista no início do século XX marca o indivíduo nordestino como um sujeito caricato na concepção sulista, contudo, essa visão caricata forma-se do mesmo modo o discurso dos intelectuais nordestinos como Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Gracimiliano Ramos e em seguida Ariano Suassuna, principal influência de João Dantas.

O Nordeste, como território da revolta, foi criado basicamente por uma série de discursos acadêmicos e artísticos. Discursos de

intelectuais de classe média urbana. Uns interessados na transformação, outros na manutenção da ordem burguesa. Por isso, são obras que partem, quase sempre, de um “olhar civilizado”, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil civilizado sobre um Brasil rural, tradicional, arcaico. (Ariús apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.194-5).

Construção de uma imagem atrasada que chama atenção por quem deseja conhecer um pouco da cultura local. A construção discursiva do produto-espetáculo ainda rende a exploração da imagem do nordestino, desde século XIX, a imagem do Nordeste atrasado chama a atenção das pessoas. A construção dos discursos formados no Movimento Regionalista foi baseada em grande maioria por intelectuais burgueses que tinham uma percepção do Nordeste no tempo do ciclo da cana-de-açúcar, que mesmo em meio a uma região considerada de seca, mas se fazia presente nos principais circuitos de exportação desse açúcar, ou seja, se via um Nordeste contraditório, marcado pela pobreza e prosperidade. Surge um discurso imaginativo das elites nordestinas, de um Nordeste enraizado em sua cultura, tradição e simbolismo, este mesmo discurso é reproduzido por João Dantas na Vila São João, a própria cidade de Campina Grande se distingue deste discurso de atraso, por se colocar sempre nos caminhos da modernização, através da produção do algodão, que a colocava no cenário nacional e internacional.

Campina Grande é a capital algodoeira dos dois Estados, e é, pelas suas largas avenidas, que o algodão da melhor qualidade e da mais resistente fibra de todas as Américas passa em busca dos grandes mercados consumidores. Da mesma resistência é feita a fibra da gente nordestina, indomável na defesa de seus direitos e suas liberdades. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p. 172)

Resistência alusiva à fibra do principal produto da cidade, conhecido como o ouro branco, ergueu a economia local, até 1940 a cidade era a 2ª maior produtora de algodão do mundo, atrás somente da cidade de Liverpool, na Inglaterra. As dificuldades existentes pela situação socioeconômica sempre fizeram desse povo resiliente, forte e trabalhador.

O uso do discurso pode reproduzir e estabelecer valores que determinam uma sociedade, neste caso, que veio estabelecer uma identidade cultural a Região Nordeste, território que preserva as tradições culturais, no modo de falar, nas músicas, danças e literaturas, um apelo à sensibilidade do indivíduo, seja um morador desta região ou oriundo de outras regiões. Esta é a mesma narrativa escolhida por João Dantas o idealizador do Sítio São João na cidade de Campina Grande

Podemos ver que a construção discursiva sobre a identidade nordestina na Vila São João é aceita pelas pessoas que visitam, levando-o interesse para o que é verdadeiro, mesmo sendo esse uma construção lúdica do imaginário nordestino, ao reproduzir uma casa de barro, uma bodega, capela, engenho, etc. João Dantas, trás nas emoções das pessoas o saudosismo, o pertencimento a uma identidade regional que não pode ser jamais esquecida, pois se trata de origens culturais, conforme acontecia no Centro Regionalista do Nordeste e que está escrita na epígrafe, Gilberto Freyre propõe que o Centro seja o resgate dos bons elementos nordestinos, ou seja, uma concepção social ainda enraizada no poderio rural e tingida por elementos conservadores.

O centro Regionalista com sede no Recife tem por fim desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste há tão claramente características na sua condição geográfica e evolução histórica, e, ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus diversos aspectos: sociais, econômicos, culturais. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 141).

Aqui na realidade é um memorial, espécie de museu nordestino que começa com arquitetura rural pelos meios de produção, pelo jeito de falar de cantar, dançar, de fazer sua poesia, trabalhar, de fazer suas ferramentas. (DANTAS, 2018).

Ambos os discursos se assemelham, pois possuem características discursivas regionalistas, para João Dantas, esse formato discursivo norteia sua ideia deste Nordeste tradicional como fonte sua inspiração, discurso que enfatiza a cultura nordestina, mesmo sendo estereotipado, que não define o indivíduo, sua história ou memória, já que muitos nordestinos não cresceram nos moldes do sertão, mas em cidades que se desenvolveu em meio a modernidade de sua época, ou que seja parte de sua história, já que muitos nordestinos que buscavam uma vida melhor, distante dos castigos da seca, buscavam o Êxodo Rural, ou seja, sair da sua terra para a cidade grande.

Os discursos são marcados na produção de seus territórios existenciais e simbólicos, dentro e fora das localidades e de contextos, portanto, podemos dizer que a elaboração discursiva sobre o Nordeste tornou-se um referencial, mesmo sendo este espaço uma construção do nosso imaginário, visto que, trazer para o sítio São João os costumes, as heranças culturais e suas tradições, demonstradas em cada espaço, objeto, imagens e bordados fazem o Sítio São João um espaço lúdico, construído como imaginário da cultura nordestina.

Nordeste passa a ser fruto de uma hereditariedade cultural, possuímos uma herança forjada de interesses da elite intelectual, que buscava a imagem de um Nordeste incorruptível, resistente ao modernismo na região Sul, que buscavam as suas influencia culturais na Europa.

O movimento cultural ajudará a preservar essa imagem da cultura popular. O popular será resgatado, retirado do seu lugar, deslocado, posto para funcionar em outra estratégia, a de constituir uma cultura regional e ser a expressão genuína da alma de um ser regional, o nordestino, (CERTEAU, 1997).

Lugar de fala de João Dantas, ele propõe o resgate de Nordeste fantasioso e usa do período das festas juninas da cidade de Campina Grande para embasar sua paixão na tradição cultural e auto se intitula um preservacionista, fazendo deste espaço cenográfico seu legado pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos relacionar esta pesquisa sobre a cenografia Vila São João a construção da imagem do Nordeste a partir da fala do seu criador. Neste propósito direcionamos a um olhar histórico sobre a forma que João Dantas utiliza desses espaços, neste caso, olhamos um pouco para o seu passado em busca de conhecer as suas experiências vividas e como elas levaram a projetar a Vila. Utilizamos as declarações fornecidas em entrevistas para articular com teóricos da área de história sociocultural, procuramos estabelecer uma articulação e garantir a confiabilidade, de modo que nossa pesquisa venha a contribuir no campo das pesquisas.

A narrativa proposta pela Vila São João a partir de João Dantas propõe uma imagem voltada à conservação da memória cultural nordestina, através das mudanças sociais, econômicas e políticas. Procuramos relacionar durante este trabalho que o interesse Dantas pela tradição nordestina está norteado por intelectuais literários que viviam preservando a imagem de um Nordeste ainda no tempo do colonialismo e patriarcalismo.

A ambiguidade, a contradição e o paradoxo definem a cenográfica Vila São João, onde se propõe uma interpretação da cultura nordestina durante uma linha atemporal, inicia no período colonial, com a construção do espaço Engenho, em seguida, se utiliza da casa do morador que possui características mais modernas como a utilização do rádio e ainda inclui na área externa o automóvel. O projeto cultural do regionalismo de João Dantas não se reduz a uma luta para preservar a tradição da cultura nordestina, mas na exposição deste ambiente enquanto produção de evento cultural compondo a festa junina da cidade de Campina Grande.

O passado rural colonial é um resíduo da cultura regional que busca compreender a história do sertanejo, caracteriza-se uma tentativa de reprodução do que real, mas se esbarra no que é imaginário, este espaço que se familiariza com o discurso regionalista e tradicionalista investe no que podemos chamar de invenção das suas próprias tradições, pelo uso de espaço e tempo aleatórios.

A história narrada por ser atemporal, mas não devem ser discutidos sob os parâmetros de pureza e originalidade, mas em entendimentos de que eles passam por processos de evoluções, adaptações influências de novos dispositivos tecnológicos de reprodução ou representação. Para Canclini (2008, p. 161) o patrimônio cultural é empregado em formas de “teatralização do poder”, ou seja, a teatralizar uma vida cotidiana que não condiz com o real mundo nordestino-paraibano rural (Nóbrega, 2010). João Dantas, que durante boa parte da sua vida se dedicou a viver da arte, através do teatro, utiliza-se a Vila como espaço para o

espetáculo e promove sua narrativa discursiva de autenticidade da Vila São João relatado no primeiro capítulo.

Sendo esta uma produção discursiva regionalista, o seu idealizador baseia-se nos literários romancistas nordestinos como Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, José Lins do Rego entre outros, que buscam a imagem do Nordeste romantizado. Neste caso, articulamos no segundo capítulo os diálogos de Freyre e Dantas buscando as semelhanças entre eles. A Vila São João trata-se, portanto, de negar a visão ingênua da cópia ou reflexo fotográfico da região. Mas, ao mesmo tempo, de reconhecer que, embora ficcional, o espaço regional criado literariamente aponta, como portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente.

Acredito que o trabalho Vila São João: Construindo a imagem de um Nordeste se utiliza-se do posicionamento em questionar a existência de um único Nordeste defendido pelos discursos de João Dantas, a cultura nordestina nos seus nove Estados, possui suas particularidades culturais, as festas juninas, frevo reisado, maracatu, artesanatos, religiões, culinárias, artes populares e tantas outras expressões culturais presentes na região. A Vila São João possibilita vários caminhos no campo da pesquisa, além dos citados anteriormente, a tipografia, que possui fotos raras do período de modernização da cidade de Campina Grande, trabalhar o turismo da cidade a partir da cultura, assim como, poderíamos adentrar mais nessa pesquisa sobre construção da imagem do Nordeste através da Vila, utilizando a fonte oral a partir dos moradores da cidade e turistas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Invenção do Falo: uma história do gênero masculino**. 2ª Ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- _____. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana, 1999.
- ANDRADE, Elizabeth Cristina Lima. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. 2ª Ed. Campina Grande: EDUFCG, 2008. 250p
- ARAÚJO, Adriano e SOUSA, Emmanuel. **Memória Abandonada: Antigo Forrocker em Campina Grande**. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/01/memoria-abandonada-antigo-forrocker.html/> Acesso em: 16 de Junho de 2019.
- ARRUTI, José Maurício. **De como a cultura se faz política e vice-versa: Sobre religiões, festas, negritudes e indianidades no Nordeste contemporâneo**. IV Ciclo Nação e Região – Brasil 500 Anos. FUNART, UERJ e UENF, 2002.
- BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo**.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad: Lessa Ana Regina, 4ª Ed. Brasil, EDUSP, 2013.
- CARVALHO, Flávia Medeiros de. **O Dicionário do Folclore Brasileiro: Um Estudo de caso da Etnoterminologia e Tradução Etnográfica**. 2043. 252 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET, UnB, Brasília, 2013.
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis - RJ:Vozes, 2008. 108 p.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 244 p.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 25ª Ed. Brasil. Loyola, 1992.
- HENRIQUE, Alexandre. **Vila Sítio São João**. 2019. Disponível em: <<http://blog.hotsta.org>>. Acesso em: 8 de Julho de 2019.
- LIRA, Arthur (Ed.). **Nova Vila São João tem mais espaços e o dobro do tamanho, em Campina Grande**, 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/>>. Acesso em: 06 de Dezembro de 2018.

MEDEIROS, Alexandre M. Regionalismo: estudo literário, artístico, histórico e de crítica social. 2015. Disponível em: <<https://sabedoriapolitica.com.br>>. Acesso em: 7 de Julho de 2019.

MICHEL, Maria Helena. Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 204 p.

NÓBREGA, Zulmira. **A Festa do Maior São João do Mundo: Dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande**. 2010. 316 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

O SERTÃO NORDESTINO E SEUS SUJEITOS CONSTITUINTES NA CONTEMPORANEIDADE: Contribuições à análise do discurso de pertencimento, Campina Grande: Ariús Revista de Ciências Humanas e Artes, v. 20, n. 1, jan. 2014. Semestral. ISSN 2236-7101.

PARAÍBA, Jornal da (Ed.). Comissão da Verdade consegue ouvir agente de repressão do regime militar. 2015. Disponível em: <<http://paraibanonline.net.br>>. Acesso em: 28 de Dezembro de 2018.

PENNA, Maura. **O Que Faz Ser Nordeste: Identidade sociais, interesses e o “escândalo”** Erundina. 1ª. Ed. São Paulo: Cortez. 1992.

Vila Sítio São João Lana programação com três palcos em Campina Grande. Jornal da Paraíba. Cultura. 03 de Junho de 2019. 12h 06min. Disponível em: <<http://jornaldaparaiba.com.br/html>> Acessado em: 03 de Junho de 2019.

ANEXO 1 - Entrevista de João Dantas no dia 30/06/2018

Este espaço Memorial do homem do Nordeste LTDA é um conjunto de expressão, que termina sendo arraial São João, arraial São Pedro, sítio São João, fazenda abre tudo. É uma empresa limitada, ela já foi uma organização não governamental, mas acabou-se primeiro, eu não descobri a roda, fazendo um projeto como este, porque eu venho do teatro, já fui ator teatral, diretor teatral e foi no teatro que gostei mais exatamente foram os cenários, a de outros autores e a minha temática foi sempre nordestina eu fui sempre focado em temáticas nordestinas, se bem que a primeira peça que de teatro que eu dirigi foi um texto clássico de Frederico Garcia Lorca, Bodas de Sangue, mas o meu discurso é nordestino eu sou nordestino do sangue muito apurado e busquei nos mestres eu não teria a noção que eu tenho do mundo nordeste, deste país nordeste, dessa nação nordeste se não tivesse pesquisado profundamente sobre a obra de Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Leonardo Mota, jornalista cearense que pra mim foi um dos maiores pesquisadores das coisas do Nordeste e de ser um pesquisador sobre o ciclo do Cangaço o nordeste do quem foi criado eu vi histórias de cangaço e de cangaceiro e isso me chamou muito atenção e eu levei 50 anos da minha vida pesquisando sobre o ciclo do Cangaço do Nordeste, tenho peças escritas sobre a temática, tem os cordéis, escrevi uma peça em parceria com os colegas jornalistas aqui de Campina Grande, Evandro Barros, Sertão ferro e Ódio vida e morte de Lampião de 1986, quando fundamos juntos o grupo tropeiros da Borborema que amanhã estaremos comemorando os 30 anos da nossa primeira viagem para Europa do projeto que nós implantamos e batizamos como tropeiros Rumo a Europa e depois daí nós fizemos mais quatro grandes turnês pelo mundo inclusive um para Coréia do Sul, mas eu no teatro aprendi tudo, aprender fazer cenário pesquisando sobre o Cangaço eu convivi com arquitetura Rural eu conversei com pessoas envolvidas com agricultores Carreiro, os Vaqueiros, Produtores Rurais, eu vim de uma família de agropecuarista da zona rural eu sei bem definir o valor que tem o carro de boi, o carro de boi para mim é um dos maiores símbolos do que representa a casa de farinha a primeira indústria do Brasil o que é um tipo de indígena de fazer farinha, que é indústria pré-colonial antes da chegada dos colonizadores, sou cordelista, sou membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupo a cadeira número 30, sou membro da academia paraibana de letras, sou jornalista, sou membro do Instituto Patrimônio Histórico Geográfico e na realidade eu sou um pesquisador eu gosto de fala da dança da poesia de tudo que tem a ver com o Nordeste a nossa pesquisa ela não se prende a contemporaneidade a nossa pesquisa vai até o pré-colonial, eu pesquisei sobre a vida Francis

Vost quando não existe ainda nenhuma equipamento fotográfico, aquelas expedições que chegaram no Brasil recém-descoberta trazia nas suas expedições a equipe de pintores para documentar a geografia, as baías, enseadas, os morros, a flora, a fauna, os índios, se eu não tenho estudado Capistrano de Abreu e não tivesse conhecido a obra de Francis Vost, Debret, os grandes, Pedro Américo quando saiu de Areia, ainda menino, foi levado para corte por uma dessas expedições, e chegava os colonizadores para buscar no Brasil traficar escravos, enfim, então a história do Nordeste ela é um história assim interminada quanto mais você conversar sobre o nordeste, mas você vai descobrir coisas eu sou daquele nordestino que para mim uma varinha de marmelê e tem um grande valor um pé de juazeiro, o juazeiro tem um grande valor e o umbuzeiro também tem um grande valor, a flora a fauna, enfim, tudo na história, os nossos nativos os indígenas um legado que nos deixaram através da sua língua, através do seu comportamento alimentar, depois de uma fusão com o negro, com ibérico, porque algo que precisa ser dito e bem expresso e que fique bem claro e documentado é que a cultura brasileira é calcada no critério inter social a cultura negra e a cultura indígena e a cultura ibérica, então você conhecendo essas três vertentes e pesquisando essas três vertentes você vai encontrar de cada uma frase os seus detalhes o seu modo de vida e daí você vai o seu legado o que ele nos deixaram por exemplo eu digo que o primeiro momento da chegada do colonizador aqui nas costas do Nordeste ele já encontraram o índio com sua própria indústria que era indústria farinha ele já tinha uma fabriquetazinha dele rudimentar que chamava Tipiti ele trazia a mandioca deixava ele azedar, amolecer e pisoteava, esmagava (farinha) ficava que ela deixava amassa úmida e depois colocava no Tipiti de peso que a linguagem que depois os portugueses e daí as trava a farinha a massa seca e fazia o beiju, a farinha e no litro da água fazia a goma, fazer a tapioca ate hoje, faziam ainda bebida do teu alcoólico das suas festinhas então com a chegada do português e do começo do desenvolvimento a chegada da indústria Canavieira o que é que acontece a indústria Canavieira tornou-se a segunda indústria do Brasil a primeira era farinha a farinaça, da fabricação da farinha quando se instalou segundo ciclo industrial, vamos dizer pelos portugueses da cana-de-açúcar passou a ser a maior indústria do mundo então o seus diversos criaram o engenho de pau, engenho vem da palavra engenhoca, então você vê uma hoje aqui chamando de casa de farinha na época era engenho de pau era uma indústria, era engenharia e aquela engenharia foi desenvolvida exatamente para multiplicar triplicar a produção de farinha para que esta farinha pudesse atender a demanda alimentar a mão de obra dos engenhos, porque a mandioca ela é muito versátil a farinha com peixe com animal que eles caçavam misturavam com frutas nativas fazer seu

mingau, fazer sua farofa ,então esta vila e Sítio São João não tem muito o que querer se descobrir, isso aqui, eu não sei vocês vai encontrar e isso muito tem originais que representa o momento da história do Brasil desde o período pré-colonial ao o período colonial o português do ibérico na produção da cana da estação do engenho, depois veio ciclo do couro veio, os Invasores franceses e holandeses e esses aí nessa formação, nessa reprodução humana a necessidade de produzir alimentos foi grande aí vem o gado o ciclo do couro, também o ciclo da fibra, do algodão e aí o ciclo canavieiro que até hoje ainda é o ciclo de muita expressão de onde você tirou o etanol, açúcar, a rapadura é dali que sai vários produtos, combustível, né, e para você montar um projeto como esse, o sítio São João não é uma brincadeira não estou aqui porque preciso que se conheça a história e modéstia parte deixando qualquer soberba de lado eu já sou um Sexagenário que levei muito meu tempo pesquisando sobre a história do Nordeste eu falo de qualquer ciclo da história do Nordeste de qualquer momento da vida nordestina Nacional porque eu levei toda minha vida pesquisando até depois a minha condição cordelista, poeta popular, dramaturgo, ator cenógrafo e de gostar da história do Nordeste resultou o projeto como esse que continua uma obra inacabada, eu ainda tenho muita coisa ainda para colocar aqui dentro que ainda não coloquei, o museu do Cangaço e que ainda não montei o Rei do Cangaço, nós temos um conhecimento muito diria avançado porque eu não pesquiso sobre a figura de a, b, c ou d, eu pesquiso sobre um ciclo do bandido rural do nordeste que me levou a muitos lugares a conhecer ex-cangaceiros a conversar com ex-volantes, vítimas do Cangaço, locais, eventos, então cada vez que eu viajava para ir para algum lugar como esse eu descobrir alguma coisa, eu vi uma ferramenta, eu vi uma adereço, eu vi um móvel antigo, eu vi uma casa que achava bonita por exemplo aqui tá uma bodega, a bodega desse sítio dessa Vila Sítio São João é uma bodega que é a cara do tio avô meu eu fiz apenas reproduzir ali.

Todas essas coisas são particulares nunca ganhei nada de ninguém, eu sempre comprei sucata tem coisas aqui centenárias, aqui tem engenho de 300 anos aqui tem moinho de pedra de mais 400 anos que vieram pelos colonizadores eu tenho muita peça de couro, muita ferramenta, casa de farinha, então esse acervo ele é particular, ele é meu, agora, há uma empresa chamada Memorial do Nordeste limitada que é para gerir a parte de jurídica para que um espaço como esse funcione, você não pode simplesmente construir um bocado de coisa e abrir uma coisa para funcionar você precisa de projeto de prefeitura, engenharia, você precisa do projeto do corpo de bombeiro para segurança, você precisa do projeto de eletrificação, isso tudo tem um custo altíssimo e tem uma empresa para fazer e eu não acredito que poder

público faria um projeto desse, precisa ter uma visão vamos dizer de busca, de buscar aspectos do passado, coisas que ninguém valoriza mais, que ninguém sequer conhecem, mas que as pessoas precisam saber uma, criança precisa saber porque os carros de boi funcionava, como é que o boi tem que puxar o carro, não existia tecnologia não tem transporte, por que é que tinha que ter uma casa de farinha daquele formato, porque não tinha eletricidade você não tem motor a diesel a gasolina era tudo manual, então você busca no passado elementos que tem tudo a ver com presente.

Pergunta: Os brasileiros em si não conseguem serem ligados as suas raízes, é raro encontrar uma pessoa que diz: Eu sou nordestino e tenho orgulho de ser nordestino! Em qualquer região do país, então, é esse o sentimento que o senhor quer passar para as pessoas em trazer um sítio como esse?

Verdade, eu quero passar para as pessoas a emoção que eu tenho de tratar das coisas do nordeste e esse sentimento, essa emoção, esse conhecimento, que quero passar para as pessoas e aspectos vários que você leva em conta a criança, estudante chega aqui e se depara com a ferramenta, mobília algo que para ele é muito estranho se você explicar a ele o que é isso, ele vai entender, que atualmente existe ferramentas outras modernas até informatizadas que faz exatamente aquilo só que de melhor qualidade maior quantidade uma visão industrial para que ele entenda que o mundo existe, o mundo existe em cada passada que o ser humano deu então você encontra o idoso uma pessoa de 80 anos geralmente você encontra ele meio que emocionado porque ele vai ver exatamente aquele rudimento, aquela ferramenta, aquela mobília da qual ele foi usuário, então a cultura nordestina ela é muito rica primeiro porque ela é calcada nesse tripé social no qual eu falei anteriormente, a cultura indígena, Ibérica, meu que provençal francesa e negra, depois tivemos mais recentemente uma passagem do inglês na construção das ferrovias, nós tivemos a presença dos Franceses, nós tivemos a memoranda passagem dos Holandeses aqui no Nordeste, no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e o que é hoje Alagoas porque na época era uma única província e essas informações você vai encontrar dentro do espaço como este, é como se ele tivesse revendo as passadas dos nossos ancestrais, os nossos tios, avós bisavós e tataravós, estão tudo envolvido nisso, agora essa expressão sítio ou fazenda termina sendo nome de fantasia, porque uma fazenda geralmente ela é formada por uma casa curral aí vamos dizer que do lado tem uma casa de farinha e um engenho, geralmente é assim ou uso dos engenhos, tem uma bonequinha ou tinham os tropeiros que alimentavam aquelas pessoas do processo escambo, troca de mercadorias que

chegavam aos engenhos, nas casas de fazenda trazer o remédio, trazer de bebida, trazendo perfume, trazendo outras ferramentas e trocava cachaça rapadura por farinha ou por couro, pele de animais, que era um período onde a pele do boi, ovelha e bode tem um valor imenso por que não existia o plástico, não existe a borracha, não existe o cabo de aço, era tudo feito de fibras, por exemplo, a propósito a de fibra a gente fala do agave, o agave não é nativo nosso vem do México, o algodão não é nativo nosso, nós temos as nossas fibras, o nosso próprio algodão a nossa o nosso próprio sisal de agave que era o caruá dos índios faziam redes, faziam cordas, enfim cada coisinha que tem um história o nome sítio ou fazenda ou qualquer coisa vai interessar só porque você vai encontrar aqui ou acolá coisa decente ou coisa de fazenda Engenho, mas aqui na realidade é um memorial é o memorial uma espécie de Museu Nordestino que começa com arquitetura Rural pelos meios de produção pelo jeito de falar, de cantar, dançar, de fazer música de trabalhar quais suas eram as ferramentas aí vem a casa de farinha, aí vem um engenho de pedra de moer grão, aí vem o engenho depois que chegou engenho com os espanhóis e os portugueses o engenho de moer cana porque você ver os primeiros, você não acredita uma peça daquela moer uma cana, mas era feito de pau de madeira. Mas eu tenho isso aqui eu diria que esse espaço é um museu do homem do Nordeste o que nós precisamos, aqui a musicalidade, a dança, a poesia, através da tipografia do cordel, a xilografia, a casa do ferreiro que a primeira indústria do mundo aquela guerra de Tróia foi feita com as ferramentas e naquela, então são curiosidades, mas que são elementos da história que precisam ser ditas para as pessoas espadas, capacetes, escudos que os troianos e os gregos usavam naquela grande guerra foram feitas em uma casa de ferreiro daquela jeito ali um espaço como este precisa ser muito valorizado precisa ser muito reverenciado e ele precisa ser procurado por estudante de comunicação de arte o pessoal do departamento de artes da UFCG vem aqui estudante de comunicação jornalística terá que vinha aqui como já vieram muitos e esse projeto tem que eu diria uma espécie de Saga nordestina é porque ele precisa ele quer figura do retirante ele já muda para vários lugares já foi Parque do Povo ao lado do Teatro Municipal, já foi na Avenida Brasília, já foi montado na Manoel Tavares e por último foi montado no Catolé vizinho do colégio Motiva, mas já foi montado em São Paulo duas vezes no Parque Anhembi, então é o Projeto adulto ele é um projeto adulto eu volto a dizer que não que eu seja um grande mágico porque não existe mágico para fazer isso é preciso se você ter conhecimento pesquisar, estudar e ler, esse projeto aqui ele já foi nove tese de conclusão de curso, já foi três teses de mestrado, já foi uma tese de doutorado e uma tese de pós-doutorado na Universidade Federal de comunicação de artes de Salvador Bahia, então é um projeto

adulto que qualquer pessoa que se voltar e olhar com maus olhos de forma negativa, vai quebrar a cara, cada coisinha que tem um história, o nome desse de fazenda ou qualquer coisa vai interessar só porque você vai encontrar aqui e acolá coisa desse tem coisa de fazenda engenho mas aqui na realidade é um memorial, espécie de museu nordestino que começa com arquitetura rural pelos meios de produção, pelos jeito de falar de cantar, dançar, de fazer sua poesia, trabalhar, de fazer suas ferramentas quais eram as ferramentas? É um projeto que busca a verdade histórica as expressões mais verdadeiras, o sentimento mais lúdico, as expressões populares mais autênticas, a poesia mais bela, a musicalidade mais suave ou mais bonita de se ouvir, de dançar, de cantar e aí você vê, se for aprofundar e selecionar os autores nordestinos dos vários círculos desde o período pré-colonial você vai levar o resto a sua vida inteira e terá que começar pelas inscrições rupestres que existem as inscrições de pedra, hoje ouvir uma pré-colonização quando os colonizadores chegaram a costas do Nordeste o Brasil já tinha 5 milhões de índios onde estão esses índios? Foram assimilados, escravizados, mortos, foram aculturados e ouve como separar, o índio é um ser humano como eu sou, as mesmas células, cérebro, visão, inteligência dele, ele tem a inteligência para o mundo que ele vivia para saber que a colméia de abelha dava o mel, saber que a mandioca dava farinha, saber pegar o peixe, pescar o peixe para comer, era bons artesões, fazer um peças de artesanato como mobília para eles, rede para dormir, armadilha para caçar. Então tudo isso está perdido no tempo e o que nós tentamos de uma forma assim de forma singela é resgatar essa feliz gramas que estão perdidas do tempo, que não é tempo tão longo, nós somos o Brasil de um pouco mais de 500 anos, tem países de 5 e 6 mil anos, egípcios, gregos, troianos e romanos, então é isso que eu digo, é você procurar e ter a curiosidade o prazer gostar e cutucar as coisas e pesquisar eu tenho mania de se tiver viajando na estrada e se tiver uma casa abandonada sem porta lá no morrinho lá em cima eu paro o carro pula cerca saiu ali e vou saber o que tem ao redor daquela casa às vezes eu acho um Penico ferro de passar parafuso velho uma ferramenta uma foice velha e faço isso e nunca perde essa mania eu acho até que eu sou vítima de uma síndrome porque eu tenho uma tia que ela tem mania de guardar coisa velha debaixo de cama de colchão jornais velhos, ela tem um monte certamente para o momento ia precisar mas talvez eu tenha alguma coisa dela assim.

ANEXO II: Entrevista de João Dantas no dia 23/06/2019

Bem eu sou paraibano, nascido no interior, eu nasci no vilarejinho chamado Jerimum, o que era nas localidades onde morava meus avós onde morava meus bisavós eu criei na fazenda e sítio e depois hoje essa vila chamada de Jerimum é um município do nosso Estado bem próximo aqui de Campina Grande eu cheguei aqui para morar em Campinas 4 meses de idade mas aí eu sou muito fiel às minhas origens e que eu sou nordestino de sangue muito apurado a cidade que eu nasci hoje a Vila que eu nasci se chama Nova Palmeira um lugar muito bonito inclusive né e depois eu aqui estudei no Colégio Diocesano depois iniciei a minha vida de pré-adolescente no teatro né eu tive essa oportunidade de vivenciar o mundo da dramaturgia no teatro eu fui ator eu fui um ator medíocre mas eu fui um bom diretor e no teatro que eu mais gostei de fazer foi cenário né eu me vejo como cenógrafo o cuidado e a expiração que eu tive sempre de dirigir textos de temática nordestina eu dirigir peça de Luis jardins Luar do Sertão eu fiz a primeira vez de Ariano Suassuna eu trabalhei O Auto da Compadecida no teatro né escrevi para o Teatro peças de temática do ciclo do Cangaço no Nordeste e o teatro foi que mais me despertou assim e logo em seguida para o mundo da literatura da literatura eu sempre esperei muito em Gilberto Freyre e Leonardo Mota Graciliano Ramos José Lins do Rego e de eu nasci também uma Verga assim coisa de Deus eu sou cordelista Popular eu sou membro da Academia Brasileira de literatura de cordel membro da Campinense letra sou membro do Instituto Histórico geográfico idade de passar assim pela produção do cinema eu fiz a produção para o Auto da Compadecida depois eu me envolvi muito com o folclore nordestino Eu sou um dos fundadores do grupo de Cultura Nativa tropeiro da Borborema senão fundador pessoas Gerson Brito e o jornalista António Nunes e nesse trabalho do grupo tropeiro da Borborema eu trabalhei assim em grandes projetos eu queria na minha cabeça eu criei o primeiro Festival Nacional de música nordestina sinal de música do Forró quando ele acabou a TV Paraíba criou o forraço inspirado nele e o Forró Fest né e depois eu fiz grandes turnês com esse grupo no qual eu fiz parte e faço parte até hoje do grupo cultura Nativa Borborema e com esse grupo eu participei ativamente de quatro grandes turnês pela Europa, Portugal, França e, Espanha, do grupo foi para Coreia do Sul né e depois eu fui o autor de vários cordéis inclusive um cordel viva o São João de campina Bia eu fui criado ouvindo essas histórias do ciclo do Cangaço no Nordeste eu vi muito no meu pai meu pai tinha caminhões Dantas e minha mãe Maria do Carmo Moreira Dantas tive muitos irmãos mas só um que meio dois são focados na cultura o meu irmão caçula que fez teatro que tratou E hoje é mais comerciante e eu tenho um irmão que gosta

muito de música da música nordestina ele canta em programa de rádio meu irmão mais velho Chagas mas eu tive essa eu digo o seguinte essa Eu me envolvi nesse caldeirão cultural né que trata gravadora de disco né gravadora guriatã limitada nessa gravadora eu tive assim uma experiência muito grande com a produção musical e muitos dos artistas que estão hoje assim hoje na crista artistas e hoje trabalha e vive da música, Capilé biliu de campina o primeiro disco Amazan eu fiz o primeiro segundo compacto Amazan foi ator comigo na peça lampião Sertão inferno de Diógenes completando o papel de Lampião é uma curiosidade da vida dele e isso foi 1986 Então disse o seguinte que participei muito coordenei congresso Nacional de Violeiro de poetas e repentistas eu sou minha vida é assim da generalidade eu sou rei da generalidade fiz muita coisa e termina em nome de chácara nada né por isso que eu tenho muito medo de ser cuidada por um médico que seja clínico geral porque se eu tiver com dor de cabeça eu tenho que procurar um neurologista, eu sou como um clínico geral O que é que termina matando alguns doentes tudo quer saber de tudo.

- E ainda entrou para política?

Eu sou vereador Por que da minha adolescência eu fiz o que eu fiz porque também eu tava num lugar assim no meio muito avançado E por que eram dos setores mais perseguidos pela ditadura quero teatro o teatro que era a expressão mais avançada da arte né os dramaturgos se você procurar os dramaturgos do mundo você vai encontrar os grandes ativistas e eu lutei muito da minha época fui muito perseguido por ela foi vítima dessa ditadura foi preso né tive que ir embora para o Amazonas Então minha vida fala confusão né foi confusão fala confusão

- Você já pensou em escrever um livro?

Uma coisa assim seria uma predisposição de querer chegar a lugar nenhum porque é aquela história o poeta e dramaturgo o artista ele tem o mundo dele o mundo dele é meio que assim tenho medo dele né eu também tive assim uma experiência muito grande com a família né Eu sou casado há 46 anos começa uma mulher né tenho cinco filhos adultos tenho netos 10 netos nunca me vi assim sabe a minha Paris é Campina Grande a minha Madrid a minha Estocolmo é Campina, já andei por muitos lugares eu gosto minha Aldeia e entender o meu mundo eu diria que se eu tivesse me devocado da Aldeia para outros lugares talvez eu tivesse Encapado o mundo no cinema da dramaturgia o da televisão, mas isso não me preocupa Eu acho que o bom para mim é ter ficado a minha Aldeia porque eu não sei o que iria ter acontecido comigo em Outros Mundos e aqui eu construí meu mundo sabe eu não tenho eu não sou xenofobia eu

não tenho xenofobia eu gosto de rock eu gosto de artes plásticas de vários gêneros de vários estilos de cubismo do Realismo Eu gosto muito de arquitetura Eu gosto muito de história geral né história do meu povo e da minhas origens e de outros povos de outros mundos.

- Você acha que Campina Grande é uma representação da identidade nordestina?

É sim, eu posso até repetir Gilberto Gil que pronunciou essa frase aqui em campina né eu conheço Gil de conversa de momentos Mas Gilberto Gil disse que Campina Grande a Nova York do Brasil e eu assino embaixo mas é o que eu digo eu não tenho xenofobia o Brasil ele tem que ser visto como um todo ele é completo Ele é o único ele é uníssono pela preservação da sua própria língua né então o seguinte se você for pesquisar dos colonizadores portugueses com que esse Brasil quase continente fala a mesma língua né evidentemente que cada região tem seu sotaque né o Rio Grande Rio Grande do Sul tem seu sotaque o gás tem seu sotaque o cearense tem o seu sotaque mas a língua e a língua portuguesa vídeos do mundo de grande e boa sonoridade tá ouvindo mas É o que eu digo por exemplo eu sou um seguidor de Ariano Suassuna diria que O que é o lado de Câmara Cascudo e Leonardo Mota Freyre Graciliano Ramos José Lins do Rego e outros são os meus nortes intelectuais e culturais

- o senhor se considera um memorialista?

Eu sou o memorialista. Eu sou um memorialista e eu sou um preservacionista dependente de compreender outras falas duas, outras Calaris, outras poéticas, cimentos e outras expressões eu diria que por exemplo se você vai falar da cultura brasileira você então tem fortemente o tripé indissociável que a cultura a cultura Negra e a cultura ibérica Mas aí você vai pegar uma pontinha do judeu que esteve aqui no transporte do Brasil vai ter uma pequena influência dos Franceses por exemplo a quadrilha junina a quadrilha junina pessoas que a origem dele é francesa ela é inglesa os franceses é que buscaram as influências inglesas coreografia marciais militares E aí os franceses levaram a cor parcial dos exércitos ingleses para as cores francesas né então esse fine aí você tem a influência ibérica do português do espanhol e do índio e do negro mas você também pega um pontinha do francês pega um pontinha do inglês pega o pontinha do holandês mas nada disso que tenha criado problemas para nossa língua nós temos influências você vai ver nos dicionários as influências por exemplo do tupi-guarani.

- A hibridização cultural veio fortalecer a nossa cultura?

Veio fortalecer a nossa cultura Mas a nossa língua é Nossa é muito sólida é muito forte mas aí ela se torna maior ainda porque muitos verbetes foram adicionados Aos vocabulários aos dicionários enfim eu diria que lista esse lado nordestina esse lado do cangaceiro esse lado do cenógrafo esse lado poeta esse lado ator né sonhador esse todo tempero eu diria que por exemplo eu tenho dificuldade de por exemplo de encontrar um seguidor para tocar meu projeto eu não posso exigir deles que eles tenham oportunidade de ser ator se acordei a lista de cenógrafo de dirigir até atron de conhecer personalidades como as que eu conheci porque teve um período da minha vida que eu pesquisei muito sobre o ciclo do Cangaço no nordeste não só sobre Lampião porque não tem uma personalidade mais eu viajei muito no interior muito jovem ainda para conversar com ex cangaceiro ex volante, ex vítima do Cangaço, ex vítima das volantes por isso que eu conheci de conversar com atores de diretor de teatro com cineastas né com cordelistas com embolada de coco de cantores e compositores por ter sido dono de gravadora Eu até me aventurei a fazer algumas letras algumas músicas eu tenho algumas músicas muito conhecida história eu só dei cada pincelada eu diria que minha vida é como se fosse um quadro né que cada cozinha é uma pincelada de alguma coisa ou de alguém o meu mesmo ou eu quis fazer o que eu fiz o que eu pensei o que construir Guido mas termina você conversando todas essas coisas e um pacote só né E esse pacote eu diria que é a vila dos Sítio São João que é uma delas mas esteja em meus cordéis tem as peças que Eu dirigi se você buscar por exemplo os arquivos de jornais você vai encontrar alguma coisa se você sentar em YouTube João Dantas você vai ver você beatos e cangaceiros você vai ver coisas que eu vi a 1215 anos atrás e 20 anos atrás e é isso né.

- Passaram aqui na Vila São João do ano passado

Eu diria você que eu não tenho ideia Eu vou explicar o porque esse projeto ele tem contrapartida social muito grande e que encontra partida social é essa segunda terça e quarta esse projeto memória do Nordeste que é uma empresa recebe muitos alunos da Rede Municipal de Ensino os professores do Municipal de Ensino nas creches só esse filantrópicas os grupos de idosos pessoas de outros municípios. Esse projeto já seis anos que ele não recebe ele não busca e nem nem quer e nem pede recursos públicos de nenhuma natureza Lei Municipal Estadual e Federal logomarca O que é uma empresa privada hoje de sociedade limitada que tem empregados paga água luz telefone as funcionárias fixos mais no ciclo junino passa de 100 funcionários

- Nesse período o senhor recebe patrocinadores?

Qualquer empresa privada Queira entrar nesse projeto para ajudar a manter.. É uma indústria cultural o mundo da música Indústria o mundo teatro é indústria, o cinema ducha do mundo o folclore temperatura porque ninguém faz nada sem você tenha um curso daquilo agora o Formento a cultural a diferença todos esses segmentos que se autopatrocinio pelos seus talentos é até meio complicado você tratar como produto mas é um produto, o professor que dá aula ele vem das aulas Por que alguém paga ao professor universitário alguém quem paga o contribuinte quem é que paga a professor da rede Municipal de Ensino é o contribuinte então expressão que é meio eu diria meio forte né é porque existe o meio lúdico das coisas, o lado poético, por exemplo, nenhum artista canta de graça na vila São João nenhum dono de som Segue Seu som de graça na Vila São João nenhum nenhuma pessoa, por exemplo esse bodegueiro é assinada para esse mês e qualquer outro que esteja aqui dentro então é preciso que a sociedade compreenda isso contrapartida social é um Formento é obrigação de cada um que tem que ter de passar os seus conhecimentos para outro faço exatamente isso converso com qualquer pessoa Se eu perguntasse O João O que é uma arupemba dessa Qual a origem O que é palha O que é o ioiô de onde ver o chapéu de palha uma corda eu vou Por que as pessoas não sabe a origem daquilo então Formento transferência do conhecimento e o compromisso com a história com as tradições costumes e aí é um dever de quem conhece mas por exemplo Câmara Cascudo ao transferir o conhecimento dele para o mundo hoje ele precisou escrever os livros dele e o livro dele tiveram um custo desde a fabricação do papel alguém trabalhou na indústria do papel para receber pelo trabalho para que fez papel saísse para que fosse para gráfica e a gráfica cobrou e quem vendeu a tinta cobrou pela tinta a uma cadeia dentro de tudo isso então eu falo isso com muita facilidade e qualquer mundo acadêmico ou autodidata. Tem que deixar isso bem claro. Em alguns momentos Por que houve momentos que esses projetos eram de portas abertas que sejamos empáticos Nisso porque aqui certos projetos públicos tiveram participação de projetos iguais a esse ou parecidos ou em outras linguagens Como foi o presépio vivo de Natal que eu criei de dirigir por 10 anos por que era de graça ninguém pagava para ir o que precisa ser dito agora também por outro lado Eu nunca fui pago para isso eu nunca fiz uma feira disso na minha vida é aberto Entendeu meu sigilo bancário fiscal patrimonial e da minha mulher é aberto para quem quiser conhecer eu sou daquele comprometido Até mesmo porque eu tenho também para o meu entendimento do que seja a vida né a temporalidade da vida nem vou virar estátua e nem vou durar 100 200 anos em função disso então tenho que deixar um legado interesse em alguma coisa que eu fiz e alguma coisa que eu deixei de fazer né aí foi a missão da minha

parte que não tenha sido omissos nesses aspectos eu sou um Sexagenário sou beneficiário do estatuto da maioridade ou do idoso que se eu tiver durar 15 anos daqui para frente eu tô sendo tô dentro do meu saldo médio de vida porque eu sou muito pragmático com essas coisas observo que canto que escrevo agora sobre uma biografia é uma autobiografia aí o tempo é quem dirá né muita coisa eu preciso contar coisa já tá documentada já entrevista por exemplo a Comissão da Verdade apurou por exemplo a minha passagem pela política na época da repressão documentário tudo que eu tenho que ter feito como Vereador na minha cidade eu nunca passei por vereador nem me preocupei por ter passado mais e nem nunca me preocupei Sim certo orgulho e orgulho mesmo de dizer da cidade que me abraçou que recebeu por 4 meses de idade porque eu cheguei aqui em recém-nascido cidade que me deu tudo cidade que me deu tudo eu não posso negar nada eu tô aqui para frase ando um poeta amigo meu que foi inclusive o criador do maior São João do mundo Ronaldo Cunha Lima né Ronaldo é o autor frase a mocidade que me deu tudo pega nada então por exemplo um dos meus é o orgulho que eu tenho que o maior diploma que eu tenho na minha vida ver vereador da minha cidade.